



IVY ENBER CHRISTIAN UNIVERSITY
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERNACIONAL EM TEOLOGIA

**UM PARALELO ENTRE AS PROFECIAS NEOTESTAMENTÁRIAS E
VETEROTESTAMENTÁRIAS SOBRE A VIDA DE JESUS:
UMA ANÁLISE DESCRITIVA-EXPLORATÓRIA DA LITERATURA BÍBLICA
CRISTÃ**

CINTIA CRISTINA MÓDOLO PICO MODANEZI

ORLANDO
2024



CINTIA CRISTINA MÓDOLO PICO MODANEZI

**UM PARALELO ENTRE AS PROFECIAS NEOTESTAMENTÁRIAS E
VETEROTESTAMENTÁRIAS SOBRE A VIDA DE JESUS:
UMA ANÁLISE DESCRITIVA-EXPLORATÓRIA DA LITERATURA BÍBLICA
CRISTÃ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Internacional em Teologia da Ivy Enber Christian University como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Linha de pesquisa: Campo teológico, profecias, Messias.

Orientadora: Dr^a Dafiana do Socorro Soares Vicente Carlos.

ORLANDO
2024



CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SEÇÃO DE CATALOGAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO – ENBER

M689p Modanezi, Cíntia Cristina Módolo Pico.
Um paralelo entre as profecias neotestamentárias e veterotestamentárias sobre a vida de Jesus: uma análise descritivo-exploratória da literatura bíblica cristã [recurso eletrônico] / Cíntia Cristina Módolo Pico Modanezi. – Dados eletrônicos. – Orlado - FL: 2024.

90 f.: il.
Orientação: Dafiana do Socorro Soares Vicente Carlos.
Dissertação (Mestrado) - ENBER/PPGTEO.

1. Literatura bíblica. 2. Vida de Jesus. 3. Profecias. I. Carlos, Dafiana do Socorro Soares Vicente. II. Título.

ENBER/BC CDU 232.422

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Beatriz E. Maia, CRB 15/980



CINTIA CRISTINA MÓDOLO PICO MODANEZI

**UM PARALELO ENTRE AS PROFECIAS NEOTESTAMENTÁRIAS E
VETEROTESTAMENTÁRIAS SOBRE A VIDA DE JESUS:
UMA ANÁLISE DESCRITIVA-EXPLORATÓRIA DA LITERATURA BÍBLICA
CRISTÃ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação internacional em Teologia da Ivy Enber Christian University como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Linha de pesquisa: Campo teológico, cultura, Educação e Sociedade.

Orientadora: Dr^a Dafiana do Socorro Soares Vicente Carlos.

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.ª Dr.ª Dafiana do Socorro Soares Vicente Carlos
(Orientadora/PPGTEO/ENBER)

Prof. Dr. Edilson Lima dos Santos
(Membro-interno/PPGTEO/ENBER)

Prof.ª Dra. Fernanda Pinheiro
Cavalcanti (Membro-externo)

Versão final do trabalho que foi aprovada em 04/abril/2024.

ORLANDO
2024



Dedico a Deus, fonte de toda sabedoria e aquele que sempre sustentou-me em todas as circunstâncias; ao meu marido Edgar e minhas filhas Ana Beatriz e Lívia, sem os quais nada teria sentido, onde encontro o amor e o equilíbrio necessários para prosseguir; aos meus pais, irmãs e sobrinhos, pela base sólida na qual tive a oportunidade de crescer, me desenvolver e tenho o privilégio de chamar de minha família.



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu chegar até aqui;

À minha família, que é meu alicerce e apoio em todos os momentos, pelo amor incondicional, compreensão e incentivo;

À minha orientadora, pelos ensinamentos, paciência e compreensão ao longo de todo o período de projetos, estudos e escrita;

A cada leitor que irá dedicar e dispor de seu precioso tempo para compartilhar comigo as lições aprendidas no desenvolvimento deste trabalho.



“Contudo, não haverá mais escuridão para os que estavam aflitos. No passado ele humilhou a terra de Zebulom e de Naftali, mas no futuro honrará a Galiléia dos gentios, o caminho do mar, junto ao Jordão.

O povo que caminhava em trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz”.

Isaiás 9:1,2 (Nova Versão Internacional).



RESUMO

No campo do mestrado em teologia, o estudo sistemático, de abordagem qualitativa, bibliográfica/Revisão de literatura tem sua relevância, enquanto pressuposto para pesquisa voltada à área. Deste modo, a presente pesquisa, tem como objeto de estudo o cumprimento das profecias sobre o Jesus histórico e sua divindade, do Antigo Testamento (Veterotestamentário), no Novo Testamento (Neotestamentário). Identificou-se na análise descritiva-exploratória empreendida, que os achados proféticos (profecias), mencionados pelos autores veterotestamentários, cumpriram-se categoricamente, nos livros neotestamentários, dando veracidade a historicidade e divindade de Jesus, na humanidade. É fato, de que os textos analisados, por terem caráter cristocêntrico, corria-se o risco da pesquisa ser mais de cunho proselitista/confessional, todavia este não é a proposta, nem o caminho percorrido neste estudo. O conhecimento teológico sistematizado, configura-se condição sine qua non, para análise do objeto desta pesquisa, que tem a seguinte hipótese: demonstrar que o Jesus Histórico e Divino, cumpriu as profecias veterotestamentárias, nos textos neotestamentários. O aspecto metodológico da pesquisa adotado é qualitativa, sendo bibliográfica, exploratória e descritiva. Mediante o método exploratório, primeiramente foram selecionadas e catalogadas as profecias messiânicas nos escritos veterotestamentários. Já com o método descritivo, foi possível caracterizar e descrever a presença das profecias messiânicas veterotestamentárias, sob a égide das escrituras neotestamentárias. Após os dois passos anteriores - levantamento dos dados - a revisão de literatura adotada, dialogou com os achados bíblicos e teóricos, fundamentando até chegar aos resultados finais acerca das questões propostas e estudadas, buscando, desta forma, cumprir os objetivos de pesquisa.

Palavras-chave: Teologia, Profecias; Veterotestamentário, Neotestamentário, Jesus histórico, Jesus Divino.



ABSTRACT

In the field of the master's degree in theology, the systematic study, with a qualitative approach, bibliographical/Literature review has its relevance, as a prerequisite for research focused on the area. Therefore, the present research has as its object of study the fulfillment of the prophecies about the historical Jesus and his divinity, from the Old Testament (Old Testament) and the New Testament (New Testament). It was identified in the descriptive-exploratory analysis undertaken, that the prophetic findings (prophecies), mentioned by the Old Testament authors, were categorically fulfilled, in the New Testament books, giving veracity to the historicity and divinity of Jesus, in humanity. It is a fact that the texts analyzed, due to their Christocentric character, ran the risk of the research being more of a proselytizing/confessional nature, however this is not the proposal, nor the path taken in this study. Systematized theological knowledge is a sine qua non condition for analyzing the object of this research, which has the following hypothesis: demonstrating that the Historical and Divine Jesus fulfilled the Old Testament prophecies in the New Testament texts. The methodological aspect of the research adopted is qualitative, being bibliographic, exploratory and descriptive. Using the exploratory method, messianic prophecies in Old Testament writings were first selected and catalogued. With the descriptive method, it was possible to characterize and describe the presence of Old Testament messianic prophecies, under the aegis of New Testament scriptures. After the two previous steps - data collection - the literature review adopted, dialogued with the biblical and theoretical findings, substantiating until reaching the final results regarding the questions proposed and studied, seeking, in this way, to fulfill the research objectives.

Keywords: Theology, Prophecies; Old Testament, New Testament, Historical Jesus, Divine Jesus.



Sumário

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 16 |
| 2. AS PROFECIAS MESSIÂNICAS NO ANTIGO TESTAMENTO | 32 |
| 2.1 Características dos textos proféticos | 33 |
| 2.2 Principais profecias no Pentateuco | 37 |
| 2.3 Principais profecias nos livros históricos e dos profetas | 40 |
| 2.4 Principais profecias nos livros poéticos | 49 |
| 3. O MINISTÉRIO TERRENO DE JESUS E O CUMPRIMENTO DE PROFECIAS MESSIÂNICAS NA SUA PESSOA | 51 |
| 3.1 O ministério terreno de Jesus | 51 |
| 3.2 O cumprimento geral das profecias Messiânicas em Jesus | 53 |
| 3.3 Da concepção e nascimento do Messias | 63 |
| 3.4 Da crucificação e dos detalhes cumpridos neste momento | 65 |
| 4. JESUS, O MESSIAS | 69 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 82 |
| APÊNDICE - TABELA COM ALGUMAS PROFECIAS E SEU CUMPRIMENTO | 84 |
| REFERÊNCIAS | 85 |
| ANEXO I - LISTAS DE IMAGENS | 89 |



INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, podemos questionar por que o primeiro capítulo, da presente pesquisa, é metodológico? Porque, ainda que a pesquisa seja da área teológica, o fato dela ser produzida no campo acadêmico, requer rigorosidade, sistematização, justificativa plausível, consistência, capacidade de verificação, falibilidade (não se apoia em verdade absoluta), condições *sine qua non* do conhecimento científico. Já o conhecimento teológico tem aspectos valorativo, sistemático, inspiracional, não verificável, infalível. LAKATO (1976), em seu livro 'Método Científico', ao tratar das áreas de conhecimento, apresenta particularidades, aproximações e divergências entre conhecimento científico, conhecimento popular, conhecimento filosófico e conhecimento teológico. Todavia, a autora assinala que:

[...]Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. Dessas afirmações podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos. Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista [...]. LAKATO (1976, p. 83)

Do exposto, o que diferencia esses dois campos do conhecimento - científico e teológico - é a metodologia da ciência. Neste sentido, o '[...] MÉTODO é o caminho pelo qual se chega a determinado resultado [...]' (. 1976, p. 115).

Agora partindo para o tema, podemos destacar que, para o contexto ocidental, regido pelo pressuposto judaico-cristão, o texto fundamental para a análise proposta é denominado de "Bíblia Sagrada", constituída pelo Antigo Testamento (Veterotestamentário) e Novo Testamento (Neotestamentário). Partindo desta premissa, a Bíblia apresenta em sua totalidade, tanto a humanidade, como a divindade da pessoa de Jesus Cristo, seja mediante profecias veterotestamentárias que anunciavam seu nascimento, vida, morte e ressurreição, assim como sua biografia nos textos neotestamentários, confirmando as profecias previamente anunciadas em sua trajetória terrestre. Ou seja, desde o livro de Gênesis percebemos o Cristo como participante da criação, bem como nos é revelado o plano de salvação para a humanidade, na pessoa de Jesus.

Acerca dos registros sobre a divindade no judaísmo, mais especificamente nos escritos do



Pentateuco ou Torá, temos o termo Deus, no hebraico, que aparece como ‘Yahweh’ (יהוה), com o significado de Eu Sou quem eu Sou, Ele é ou Aquele que é; ‘Elohim’ (אלהים, היםִנְאֵל), que tem a ideia de ‘Altíssimo’, ‘Elevadíssimo’ e ‘Adonai’ (אֲדֹנָי), expressa o entendimento de ‘Meu Senhor’¹.

Já no cristianismo, além de ter os mesmos significados registrados no hebraico, no grego Koiné, no dicionário Léxico - grego-português (GINGRICH, 1984), ‘Deus’ aparece descrito no Novo Testamento, como Théos (Θεός), que significa divino, ser divino, divindade. Ao consultar o Dicionário Etimológico, a palavra ‘Deus’ origina-se do Latim, sendo a língua Portuguesa a única que manteve o termo original. Sendo assim, o termo latim ‘deus’, ‘daus’, significa “Ser Supremo” ou “entidade superior”. Observa-se que a origem do nome DEUS, expressa seus atributos, que envolve soberania, poder, atrelados a infinita bondade e misericórdia, em que desde os escritos veterotestamentários, se preocupou em reconciliar consigo a humanidade e, com isto, todas as coisas, pois toda a criação aguarda este momento.

Para que isso ocorra, o Jesus histórico e divino, ganha centralidade no “plano original”, o que fica claro com uma análise detida e minuciosa dos textos veterotestamentários e neotestamentários, em especial o texto, do livro e Apocalipse 13.8, na Nova Versão Internacional, descrevendo que “[...] *Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo [...]*” (2016, p. 1231). Grifo nosso.

Diante do exposto, a pessoa de Jesus é o início, o centro e o ápice dos textos veterotestamentários e neotestamentários. Tudo aponta para Ele e para seu sacrifício redentor. Desta forma, não são poucas as profecias manifestas no Antigo Testamento e que se cumprem na Nova Aliança. Os textos veterotestamentários são ricos em palavras e predições acerca do Messias e Jesus não deixou escapar nenhuma delas, sendo, portanto, de grande importância realizar um estudo paradigmático entre as passagens bíblicas que foram preditas e cumpridas ao

¹ De acordo com dados do site Wikipedia, o significado exato do tetragrama YHWH é objeto de controvérsia entre os especialistas. YHWH tem a forma de um verbo na terceira pessoa masculina do singular. Alguns associam-no a uma raiz semítica que significa soprar e interpretam o nome como indicação do deus da tempestade, mas são mais numerosos aqueles que o associam com um verbo que significa ‘SER’. Disponível, em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/YHWH>. Já o termo hebraicas ‘Elohim’ é pronunciado por Elo’him (em hebraico: אלהים) é o plural adjetivo de dois gêneros da palavra Eloah (אלוה), considerado pelos estudiosos judeus como plural majestático (pluralis majestatis) ou de excelência (pluralis excellentiae), expressando grande dignidade, traduzindo-se por "Elevadíssimo" ou "Altíssimo". Disponível, em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Elohim>. Por fim, Adoní ("meu senhor"), Etimologicamente é o plural pela combinação de seu plural adoním e do sufixo do pronome possessivo, primeira pessoa do singular, resultando na forma Adonai. Este plural foi sujeito às várias explanações. Pode ser olhado como um abstractum do plural, e porque ele indicaria a grandeza e o ponto divino de Deus, como o Senhor dos Senhores. Disponível, em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adonai>.



longo das escrituras, na pessoa de Cristo.

A ideia principal é analisar as profecias acerca do Jesus histórico e divino, que teriam se cumprido com sua vinda. Não é nosso objetivo esgotar o assunto, de modo a analisar todas as manifestações figuradas ou que serviram de sombra ou revelação do que haveria de vir através do Salvador, pois seria uma pesquisa praticamente inesgotável, focando-nos, portanto, nas profecias. O tema é pulsante e sempre atual, merecendo investigação e estudo.

Desta forma, quando se trata da análise de um documento bíblico, faz-se necessário conceituar categorias de forma rigorosa acerca do objeto de pesquisa, por se tratar de uma pesquisa que prima pela articulação entre conhecimento científico e teológico. Este é nosso compromisso.

Diante do exposto, a presente pesquisa objetiva “demonstrar que Jesus cumpriu tudo o que foi profetizado acerca dele nos textos veterotestamentários-neotestamentários, completando e consumando, assim, tudo o que Deus planejou para a humanidade, confirmando os aspectos missiológico do seu plano para a humanidade, ou seja, a vinda do “Messias prometido”. Deste modo, o objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: Primeiro, descrever/analisar nos livros veterotestamentários e neotestamentários, os achados em torno das profecias messiânica. Segundo, identificar os autores/escritores que registraram as referidas profecias. Terceiro, demonstrar, na análise empreendida, o resultado da pesquisa em torno do cumprimento das profecias veterotestamentárias, no Jesus histórico e divino. Por fim, compreender a veracidade e autenticidade das escrituras com base na experiência pessoal de Jesus na terra.

Do exposto, situamos, pois, nossa pesquisa como sendo realizada em documentos, adentrando no campo da Teologia e/ou Ciências das Religiões, buscando trazer luz ao fenômeno das profecias veterotestamentárias e neotestamentárias, por meio de um estudo mais descritivo/interpretativo, sendo descritivo, por ter a intencionalidade de analisar os achado da forma que estão.

No campo da teologia cristã, a Bíblia é o documento com pressupostos, relacionados à pesquisa. Muito embora a bibliografia e o escrito de estudiosos deste documento nos forneçam subsídios importantes e esmerados, certo é que a Bíblia continua sendo a principal fonte para nosso estudo e inspiração, quando se trata de estudar as questões relacionadas ao Sagrado, mais especificamente ao Deus do cristianismo.

Destarte, o campo a servir como locus da nossa pesquisa, como já bem salientado, é o texto sagrado do cristianismo, a Bíblia. As Escrituras, de Gênesis a Apocalipse, são permeadas pela



presença da segunda pessoa da Trindade, ou seja, este documento aponta Jesus Cristo como bússola, que conduzirá nosso olhar sobre as profecias veterotestamentárias e neotestamentárias. Sendo a forma mais eficaz de comprovar o cumprimento do que foi anunciado muito antes, do Deus que se tornou carne e habitou entre nós, ou seja, a materialização do sagrado, na pessoa do Jesus histórico.

Para isso, é necessário pensar sobre o processo de análise documental, sobretudo adentrar numa pesquisa de cunho qualitativa, cujos dados coletados serão analisados de modo descritivo/interpretativo. Neste sentido, a análise qualitativa “[...] corresponde em um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos ou a evolução das hipóteses[...]”. Por fim, o mesmo autor assinala que “[...] O que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a inferência” – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice e não na frequência da sua aparição [...]” (BARDIN, 2011, p. 145-146).

Ao demonstrar nosso objetivo principal, evidentemente, a pesquisa trará contribuições efetivas às áreas das Ciências das Religiões e da Teologia, tornando-se fonte de pesquisa para estudantes de graduação, de seminário, pesquisadores acadêmicos, nas pós-graduações lato-sensu e stricto-sensu, assim como para entusiastas e estudiosos do tema.

De outra borda, pensamos ser de vital importância e sempre atual, no âmbito do Cristianismo, investigar e demonstrar contextualmente a relevância dos textos veterotestamentários e neotestamentários para refletir teologicamente como Jesus representa alto nível de sociabilidade, ética, empatia, acolhimento, amorosidade, justiça social, compromisso com o reino de Deus e seu plano para salvar a humanidade.

Vale salientar, que além da Bíblia, que é nossa fonte documental de análise, vários autores nacionais e internacionais já pesquisaram o tema, nos servindo como fundamentação teórica e referências. Dentre os teóricos, destacamos no campo da Teologia ‘Ankerberg e John Weldon’, onde no livro “*Os Fatos Sobre Jesus, O Messias*” (1993), sobre a veracidade do cumprimento das profecias messiânicas veterotestamentárias-neotestamentárias, e que os adeptos do ateísmo, agnosticismo, sentem-se desconfortáveis em não conseguirem desconstruir este fato, ou seja, que as profecias sobre o Jesus histórico e divino, tratadas no cânon sagrado, ganham visibilidade na ordem discursiva teológica, na Ciências das Religiões, assim como a todos(as) que professam fé no cristianismo, por séculos. Diante da afirmativa dos autores anteriormente citados, nossa análise irá confirmar ou desconstruir esta hipótese. Nossa hipótese é de que as profecias veterotestamentárias, cumpriram-se na vida de Jesus, nos textos neotestamentários.

Segundo ‘Ankerberg e John Weldon’ (1993), a mencionada obra apresenta uma pequena

parte da evidência de que a vinda do Messias já era anunciada no Antigo Testamento e que Deus presenteou com estas evidências todos aqueles que estiverem dispostos a permitir que os fatos falem por si mesmos e, assim, descubram a verdade, ou seja, que Jesus era o Messias prenunciado. Dentre as profecias veterotestamentárias que se cumpriram no mestre Jesus, John Ankerberg e John Weldon citam: ‘Que Ele nasceria de uma virgem (Is. 7.14 e Mt. 1.23)’; ‘Que Ele viveria em Nazaré (Is. 9.1-2 e Mt. 2.23)’; ‘Que seu nascimento se daria durante um massacre das crianças em Belém (Jr. 31.15 e Mt. 2.18)’; ‘Que sua missão incluiria os gentios (Is. 42.1-3 e Mt. 12.18-21)’; ‘Que Ele seria traído por 30 moedas de prata (Zc. 11.12,13 e Mt. 27.9,10)’; ‘Que dariam vinagre para Ele beber (Sl. 69.21 e Mt. 27.34)’; ‘Que Ele seria rejeitado pelas autoridades da época (Sl. 118.22 e Mt. 21.42)’ , dentre muitas outras.

Notamos que o evangelista que mais se preocupou em comprovar e relatar o cumprimento das profecias acerca do Messias na pessoa e Jesus, foi Mateus, pois seu Evangelho é direcionado, em especial, aos judeus e, portanto, tinham uma maior familiaridade com as Escrituras hebraicas, onde as promessas estavam relatadas bem antes do nascimento do Mestre. Vale dizer: ele ansiava que os judeus, seu povo, reconhecesse Jesus como Rei e Salvador.

Também citamos Roger Liebi, que no seu livro “*O Salvador Prometido*” defende que o Messias é descrito em mínimos detalhes nos escritos do Antigo Testamento, em centenas de profecias precisas e diferenciadas, que se cumpriram de forma literal no Novo Testamento. Segundo este último autor, este fato prova, no sentido literal da palavra, que Jesus de Nazaré é o Messias profetizado ainda sob a égide da Velha Aliança.

Este ainda observa que os escritos veterotestamentários descrevem o Messias até nos mínimo detalhes, distinguindo as profecias acerca de um Messias sofredor, que seria odiado, rejeitado e executado de um Messias triunfante, que viria estabelecer um glorioso reino mundial de paz.

Esta distinção é de extrema importância no estudo, pois verificamos que as profecias sobre o Messias triunfante, como argumenta o citado autor, ainda são para o futuro e continuamos aguardando-as, enquanto que as predições sobre o Salvador sofredor já se cumpriam plenamente quando Jesus viveu como homem entre nós.

São cerca de 330 profecias acerca de Jesus Cristo que são extremamente exatas e específicas, sendo que o presente estudo não pretende esgotar cada uma delas, mas explorar e demonstrar o cumprimento das principais e mais significativas para o cristianismo, sempre com os olhos voltados para a demonstração da veracidade e autenticidade das escrituras.

A caracterização do implemento das escrituras veterotestamentárias na pessoa de Jesus vão



desde sua concepção e origem até sua ascensão aos céus, após a ressurreição, sem mencionar as profecias que ainda são para o futuro, ou seja, reservadas para a volta (ou segunda vinda) de Jesus.

É maravilhoso pensar que Deus nos amou tanto, que planejou nossa reconciliação com Ele em detalhes e que Jesus, sendo Deus e tendo todo o poder, se preocupou em cumprir tudo o que foi dito a seu respeito pelo Pai.

Assim, os autores ora mencionados, bem como outros a serem citados ao longo da pesquisa, além de artigos em sites especializados e de fontes confiáveis foram extremamente úteis em nosso estudo, representando referencial teórico importante sobre a pesquisa, demonstrando, ademais, que há interesse da comunidade teológica sobre o tema proposto.

O aspecto metodológico da pesquisa é de abordagem bibliográfica, exploratória e descritiva, pois trata-se de um estudo predominantemente teórico e importa em leitura e comparação de passagens bíblicas, podendo, ainda, nos valer de questões arqueológicas, mapas e outras fontes úteis no desenrolar dos estudos.

Para alcançar os objetivos, passaremos pela análise do texto veterotestamentários e neotestamentários, considerando o objeto de pesquisa, por quem foi anunciado e, de forma paradigmática, a forma e o momento em que a profecia específica se cumpriu através da vida de Jesus.

Assim, pretendemos utilizar métodos exploratórios (conhecer e identificar as profecias messiânicas no Antigo Testamento), além dos métodos descritivo (caracterizar e descrever seu cumprimento no Novo Testamento) e explicativo (avaliando e explicando como se deu cada um dos acontecimentos que importaram implemento das palavras preditas e anunciadas acerca do Messias).

Para a análise da pesquisa bibliográfica será inicialmente seletiva (a fim de pesquisar e selecionar as obras, textos, artigos e publicações que se relacionam com o tema), depois reflexiva (confrontando os textos lidos com a Bíblia e com as ideias próprias da pesquisadora), até chegar a uma conclusão tendo os resultados da pesquisa como pressuposto (porém, bíblica) acerca das questões propostas e estudadas, buscando, desta forma, cumprir o objetivo geral e específicos da pesquisa.

Buscamos trazer uma abordagem agradável e que contribua em diversos aspectos para o pensamento e formação de opinião do leitor.





1. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Cumprido esclarecer, inicialmente, o caminho percorrido em termos metodológicos para a concretização deste trabalho, no qual foram utilizadas sistematicamente a perspectiva Bibliográfica e Revisão da literatura, que são ferramentas para a pesquisa qualitativa acadêmica, oferecendo abordagens estruturadas e abrangentes para sintetizar e avaliar o conhecimento existente sobre um determinado objeto de estudo que, no caso presente, enfatizamos ser a “profecia”, em especial as profecias messiânicas que, ao final, aplicamos à pessoa de Jesus. Neste sentido, compartilhamos do mesmo entendimento que Trujillo (1974, p. 24), ao afirmar que “[...] método é a forma de proceder ao longo do caminho. Na ciência, os métodos constituem os instrumentos básicos que ordenam de início o pensamento em sistemas, traçam de modo ordenado a forma de proceder do cientista ao longo de um percurso para alcançar um objetivo [...]. Ou seja, o método,

[...] Método é o caminho ou a maneira para chegar a determinado fim ou objetivo, distinguindo-se assim, do conceito de metodologia, que deriva do grego *methodos* (caminho para chegar a um objetivo)+ *Logos* (Conhecimento). Assim, a metodologia é o estudo do método, são os procedimentos e regras utilizados por determinado método. Portanto, o método científico é o caminho da ciência para chegar a um objetivo. A metodologia são as regras estabelecidas para o método científico. Exemplo: a necessidade de observar, formular hipóteses, a elaboração do instrumento, etc [...]. (RICHARDSON. 1999,p.22)

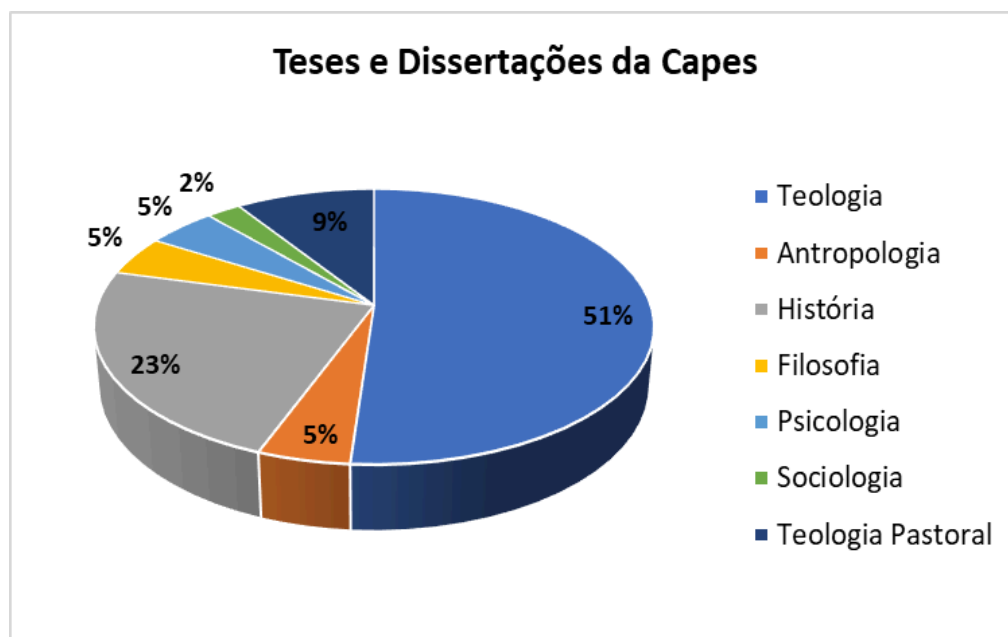
A revisão da literatura sistemática é uma metodologia rigorosa para identificar, analisar e sintetizar evidências relevantes em uma área de estudo específica. Diferentemente das revisões tradicionais, que podem ser mais subjetivas e menos abrangentes, a revisão sistemática segue um protocolo pré definido e transparente para garantir a replicabilidade, ou seja, a possibilidade mesmo quem não tenha participado da autoria do estudo seja capaz de obter e testar os mesmos modelos empíricos, com variáveis substancialmente semelhantes, através da utilização das etapas que compõem o método. A revisão de literatura e o referencial teórico são elementos metodológicos que permitem ao pesquisador e leitores um maior domínio sobre o tema em questão, o que facilita a análise dos resultados de um estudo científico (COSTA; COSTA, 2019).

Do exposto, as etapas metodológicas da pesquisa foram: ‘Formulação da Pergunta de Pesquisa e definição clara do objetivo da revisão e as questões a serem respondidas’; ‘Coleta, sistematização e catalogação os dados’; ‘levantamento da Literatura - textos veterotestamentários e neotestamentários: quando se realizou uma busca abrangente e

sistemática em múltiplas fontes no banco de dados da Capes, a exemplo de: periódicos, livros, Dissertações e Teses’; ‘Seleção e delimitação dos textos analisados, considerando os critérios de inclusão e exclusão para identificar os estudos relevantes que serão incluídos na análise’; Sistematização e Análise qualitativa dos achados identificados tendo em vista responder às questões de pesquisa; ‘Avaliação e resultados da análise em dos dados coletados em torno do objeto de pesquisa. realizada durante todo o percurso de elaboração do trabalho, incluindo-os na revisão de literatura/bibliográfica’.

A revisão de literatura sistemática envolve rigor epistemológico e recursos consideráveis, incluindo habilidades específicas e acesso a bases de dados, visando assegurar uma heterogeneidade dos Estudos, o que contribui para sua cientificidade, além de imprimir um viés com objetivo de publicação. Na busca por conhecer a relevância da presente pesquisa, inicialmente, foi realizado um levantamento no Banco de Teses e Dissertações da Capes, a partir da categoria profecia. Identificou-se o quantitativo de 212 pesquisas, distribuídas em 137 dissertações e 58 Teses. Observou-se que o objeto de estudo profecia se situa hegemonicamente na área de Ciências Humanas, mais especificamente no campo da Antropologia, Teologia, História, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Teologia Pastoral, com o quantitativo de 43 pesquisas, conforme gráfico abaixo:

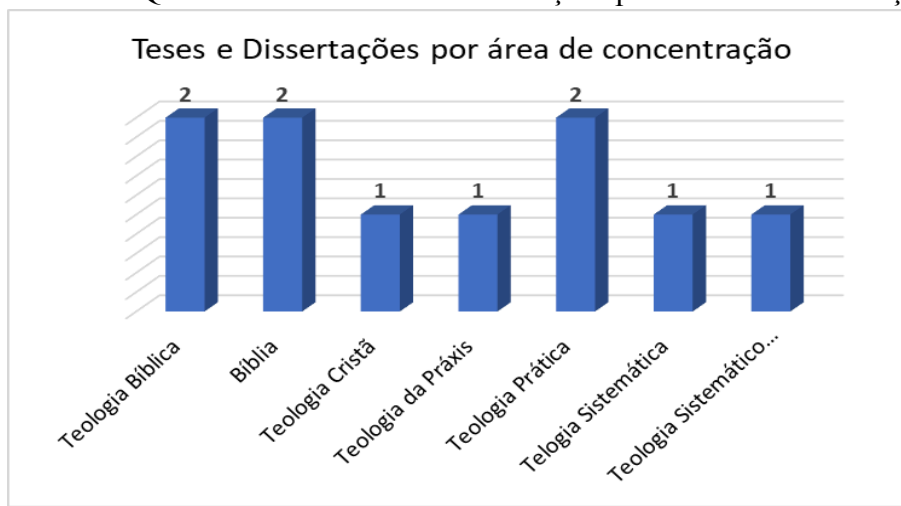
Gráfico I - Levantamento de Teses e Dissertações que tem a categoria profecia como objeto de análise



Fonte: Banco de dados de Tese e Dissertações da Capes. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

No que tange ao quantitativo de dissertações, na área de conhecimento de Teologia, nas áreas de concentração ‘Teologia Bíblica’, ‘Teologia da práxis Cristã’, ‘Teologia Prática’, ‘Teologia Sistemática’, ‘Bíblia’, ‘Teologia sistemático-pastoral’, a categoria profecia foi identificada em 11 (onze), sendo 11 (onze) dissertações e 02 (duas) teses, distribuídas da seguinte forma.

Gráfico II - Quantitativo de Teses e Dissertações por área de concentração



Fonte: Banco de dados de Tese e Dissertações da Capes. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

Do exposto, após o levantamento quantitativo de dissertações e teses que tem a categoria profecia como objeto de estudo, estas foram lidas e catalogadas, tendo em vista verificar se o objeto profecia é analisado na perspectiva da presente pesquisa. Das 11 (onze) Teses e Dissertações mapeadas, os estudos se desdobraram conforme tabela abaixo. Vejamos:

Tabela I - Levantamento de Dissertações e Teses em torno da categoria “PROFECIA”, no Banco de Dados da Capes.

Fonte: Dissertações: área de conhecimento - Ciências da Religião e Teologia.

| TÍTULO | AUTORIA | INSTITUIÇÃO | ÁREA | ASSUNTO |
|---|-------------------|-------------------------------------|----------------------|---|
| Profecia, Glossolalia e Entusiasmo Carismático no Cristianismo Primitivo do Primeiro Século: Uma Análise Exegética de 1 | FORMICKI, Leandro | Universidade Metodista de São Paulo | Ciências da Religião | Estudo sobre o fenômeno da profecia e da glossolalia no cristianismo primitivo a partir da Primeira Carta aos Coríntios |



| | | | | |
|---|------------------------------------|---|----------------------|---|
| Coríntios 14,1-25. | | | | |
| O da retorno Is. Esperança: 43:14-21 | SCHMITT, Gustavo | Escola Superior de Teologia | Teologia | A dissertação desenvolve-se a partir do seguinte objeto de pesquisa: "A esperança como uma releitura das antigas tradições na perspectiva da restauração da fé em Javé na profecia do Dêutero-Isaías, com ênfase em Is 43.14-21 |
| A experiência religiosa dos profetas bíblicos em Abraham Heschel e à visão crítica Panpsicológica | LIMA, Marcelio Ferreira de. | Pontífice Universidade Católica de Goiás | Ciências da Religião | A pesquisa se propõe a refletir e aprofundar a experiência religiosa dos profetas hebreus na perspectiva do filósofo e teólogo judeu Abraham Joshua Heschel (1907-1972) confrontando-a com sua noção de "pan psicologia" |
| Entre a poética e a profecia: Uma Abordagem Hermenêutica de Oseias 1,1-2,3 | ROCHA, Matheus Eduardo de Oliveira | Universidade Metodista de São Paulo | Ciências da Religião | A pesquisa analisou a relação entre a poética e a profecia, por meio de uma aproximação hermenêutica ao texto de Oseias 1,1 a 2,3. |



| | | | | |
|--|-----------------------------|---|----------|--|
| Ordo Virginum: memória, profecia e inserção social | FERREIRA, Patrícia da Silva | Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia | Teologia | O objetivo desta pesquisa é identificar a história do Ordo Virginum, desde suas origens nos primeiros séculos até a atualidade |
|--|-----------------------------|---|----------|--|

| | | | | |
|---|-----------------------|-----------------------------|----------|---|
| Entre o consolo e a profecia: poimênica da libertação diante de desafios pastorais contemporâneos | STUMPF, João Henrique | Escola superior de teologia | Teologia | A pesquisa buscou em pressupostos da Teologia da Libertação subsídios para dialogar com os desafios colocados pelo continente latino-americano à poimênica cristã a desenvolver uma dimensão profética, que saiba equilibrar simultaneamente o cuidado com a pessoa que sofre com a crítica e articulações que visam à superação das estruturas, sistemas e lógicas geradoras de sofrimento |
|---|-----------------------|-----------------------------|----------|---|

| | | | | |
|---|--------------------|-----------------------------|----------|--|
| A Profecia da Grande Tela: O Cinema Futurista Apontando os Desafios para a Teologia Prática | METZ, Arthur Grams | Escola Superior de Teologia | Teologia | O trabalho dissertativo configura-se como uma reflexão acerca das possíveis relações entre as ideias de futuro expressas na cultura contemporânea e a Teologia Prática |
|---|--------------------|-----------------------------|----------|--|



| | | | | |
|---|-------------------------------|---|-----------------|---|
| <p>O Novo Nascimento por obra do Espírito: Jo 3,1-12 à luz da profecia de Ez 36,24-28</p> | <p>JABER, Rani dos Santos</p> | <p>Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro</p> | <p>Teologia</p> | <p>O presente trabalho configura-se como uma reflexão acerca das possíveis relações entre as ideias de futuro expressas na cultura contemporânea e a Teologia Prática. A pesquisa encontrou texto próximo daquele em Ez 36,24-28,</p> |
|---|-------------------------------|---|-----------------|---|

| | | | | |
|---|---------------------------|------------------------------------|-----------------|--|
| | | | | <p>onde, ao disperso e desolado Israel, o Senhor promete purificação total e profunda renovação pela infusão do Seu espírito. A dissertação procedeu à análise exegética de Jo 3,1-12, situando-a em seu contexto amplo e imediato, à análise exegética de Ez 36,24-28 e</p> |
| <p>“O DIA DE JAVÉ”: origem e desenvolvimento do conceito na profecia clássica veterotestamentária, especialmente no profeta Sofonias!</p> | <p>NIEWOHNER, Stefani</p> | <p>Escola Superior de Teologia</p> | <p>Teologia</p> | <p>Esta dissertação pretende abordar o conceito do dia de Javé, sua origem e seu desenvolvimento na profecia clássica veterotestamentária, especialmente no profeta Sofonias.</p> |



| | | | | |
|---|------------------------------|--|----------------------|---|
| A Ação Simbólica nos Livros Proféticos: Análise Exegética de Jr 13,1-11 | BARBOSA, Luiz Henrique Lucas | Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro | Teologia | O presente trabalho analisa, na seção de Jr 13,1-11, o uso do gênero literário de ação simbólica nos escritos proféticos. Jeremias, assim como outros profetas, diversas vezes se valeu de múltiplos recursos na função de transmitir a palavra de YHWH |
| O DIREITO É TORCIDO À PORTA PORQUE A JUSTIÇA SE ENCONTRA DEITADA POR TERRA: Um estudo | SILVA, Maria José da | Universidade Metodista de São Paulo | Ciências da Religião | O trabalho que tem por título: O Direito é torcido à Porta porque a Justiça se encontra deitada por terra é |

| | | | | |
|---|--|--|--|--|
| sobre o direito e a justiça na profecia de Amós, a partir de Am 5,10-13 | | | | um exercício exegético que tem por objeto a perícopes Am 5,10-13. Na análise semântica dos seus principais vocábulos evidenciou-se uma realidade social, política e econômica paradoxal em Israel, sob o comando de Jeroboão II (787-747 |
|---|--|--|--|--|

Disponível, em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Diante do conjunto de Teses e Dissertações identificadas, catalogadas e analisadas, demonstra-se que esta pesquisa tem considerável relevância, seja no campo da Teologia, da Ciências das Religiões, por se configurar uma investigação inédita. Constata-se que a pesquisa em torno da PROFECIA, considerando os textos veterotestamentários e neotestamentários, na pessoa de Jesus Cristo, é inédito. Ou seja, não foi identificado no Banco

de Dados de Teses e Dissertações da Capes, que tenha relação com a problemática desta pesquisa. Do mesmo modo, quando os artigos científicos disponíveis na plataforma da Scielo, conforme demonstra na tabela abaixo:

Tabela II - Levantamento de artigos científicos, em torno da categoria “PROFECIA”, na plataforma SCIELO.

| TÍTULO | AUTORIA | INSTITUIÇÃO | ÁREA | ASSUNTO |
|--|----------------------------|--|----------------------|---|
| A sociologia da religião como recapitulação da teologia cristã: Weber e as raízes proféticas do racionalismo ocidental | Freitas, Renan Springer de | Revista Brasileira de Ciências Sociais | CIÊNCIAS DA RELIGIÃO | A sociologia da religião tem retratado a profecia hebraica como a própria matriz do racionalismo ocidental, ao mesmo tempo em que lhe tem atribuído a |
| | | | | promessa de um futuro no qual Israel prevaleceria sobre todas as outras nações. |

Fonte: Banco de dados da capes - área Ciências da Religião - <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

Verificamos, portanto, que na área de estudo, não há publicação alguma relacionada especificamente ao objeto da presente pesquisa, que traça o paralelo de profecias messiânicas veterotestamentários que se cumpriram sob a égide neotestamentária, na pessoa de Jesus. Esta condição, data vênua, torna ainda mais fundamental o estudo sobre a questão, por tratar-se de tema inédito no âmbito acadêmico brasileiro.

Por outro lado, também entendemos importante e didático identificar em diversas traduções bíblicas. No caso, foram selecionadas cinco diferentes traduções, a saber: Almeida Revista e Corrigida (ARC); Nova Versão Internacional (NVI); Bíblia Almeida Século 21 (A21); Nova Versão Transformadora (NVT) e Nova Bíblia Viva Português (NBV-P) as principais profecias messiânicas (nos escritos veterotestamentários) e seu cumprimento (neotestamentário).

Tabela III - A noção do objeto de pesquisa profecia sobre Jesus em diferentes versões

| PROFECIA | VERSÃO DA BÍBLIA | ANTIGO TESTAMENTO | NOVO TESTAMENTO |
|-------------------------------------|-------------------------|--|---|
| O Messias virá da semente da mulher | ARC | E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar (Gn. 3.15) | Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei (Gl. 4.4) |
| O Messias virá da semente da mulher | NVI | Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar (Gn. 3.15) | Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei (Gl. 4.4) |
| O Messias virá da semente da mulher | A21 | Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a | Vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, |

| | | | |
|-------------------------------------|-------|---|--|
| | | descendência* dela; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar (Gn.3.15) | nascido de mulher, nascido debaixo da lei (Gl. 4.4) |
| O Messias virá da semente da mulher | NVT | Farei que haja inimizade entre você e a mulher, e entre a sua descendência e o descendente dela. Ele lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar (Gn. 3.15) | Mas, quando chegou o tempo certo, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher e sob a lei. (Gl. 4.4) |
| O Messias virá da semente da mulher | NBV-P | De agora em diante, você e a mulher serão inimigas. O mesmo ocorrerá entre a sua descendência e a descendência dela. O descendente da mulher esmagará a sua cabeça, e você ferirá o calcanhar dele (Gn. 3.15) | Mas, quando chegou o tempo certo, o tempo determinado por Deus, ele enviou seu Filho, nascido de mãe humana e viveu debaixo da lei (Gl. 4.4) |

| | | | |
|---------------------------------|-----|---|---|
| O Messias nascerá de uma virgem | ARC | Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel (Is. 7.14) | Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo (Mt. 1.18) |
| O Messias nascerá de uma virgem | NVI | Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel. (Is. 7.14) | Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. (Mt. 1.18) |
| O Messias nascerá de uma virgem | A21 | Pois o Senhor mesmo vos dará um sinal: A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e ele se chamará Emanuel. (Is. 7.14) | O nascimento de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava comprometida a casar-se com José. Mas, antes de se unirem, ela achou-se grávida pelo Espírito |

| | | | |
|---------------------------------|-------|---|---|
| | | | Santo. (Mt. 1.18) |
| O Messias nascerá de uma virgem | NVT | Por isso, o Senhor mesmo lhes dará um sinal. Vejam! A virgem ficará grávida! Ela dará à luz um filho e o chamará de Emanuel. (Is. 7.14) | Foi assim que nasceu Jesus Cristo. Maria, sua mãe, estava prometida para se casar com José. Antes do casamento, porém, ela engravidou pelo poder do Espírito Santo. (Mt. 1.18) |
| O Messias nascerá de uma virgem | NBV-P | Por isso o Senhor vai dar um sinal: Uma virgem ficará grávida e dará à luz um filho e o chamará de Emanuel. (Is. 7.14) | Eis os fatos relativos ao nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida para casar-se com José. Mas enquanto ela ainda era virgem, ficou grávida pelo Espírito Santo. (Mt.1.18). |

| | | | |
|--|-----|--|---|
| O Messias será da descendência de Davi | ARC | Do incremento deste principado e da paz, não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. (Is. 9.7) | Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai (Lc. 1.32) |
| O Messias será da descendência de Davi | NVI | Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso (Is. 9.7) | Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi (Lc. 1.32) |
| O Messias será da descendência de Davi | A21 | O seu domínio aumentará, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para estabelecê-lo e firmá-lo em retidão e em justiça, desde agora e para sempre. O zelo do | Ele será grande e se chamará Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai (Lc. 1.32) |

| | | | |
|--|-----|--|---|
| | | SENHOR dos Exércitos fará isso (Is. 9.7) | |
| O Messias será da descendência de Davi | NVT | Seu governo e sua paz jamais terão fim. Reinará com imparcialidade e justiça no trono de Davi, para todo o sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará que isso aconteça! (Is. 9.7) | Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu antepassado Davi, (Lc. 1.32) |



| | | | |
|--|-------|---|--|
| O Messias será da descendência de Davi | NBV-P | O seu reino sempre crescerá, e haverá completa paz. Ele governará com justiça e retidão perfeita no trono de Davi, desde agora e para sempre. O Senhor Todo-poderoso no seu grande amor vai providenciar para que tudo isso aconteça. (Is. 9.7) | Ele será muito importante, e será chamado de Filho do Deus Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono do seu antepassado Davi (Lc. 1.32) |
| Local de nascimento | ARC | E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. (Mq. 5.2) | E, tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém (Mt. 2.1) |
| Local de nascimento | NVI | Mas tu, Belém-Efrata, embora sejas pequena entre os clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos (Mq. 5.2) | Depois que Jesus nasceu em Belém da Judéia, nos dias do rei Herodes, magos vindos do Oriente chegaram a Jerusalém (Mt. 2.1) |
| Local de nascimento | A21 | Mas tu, Belém Efrata, embora sejas pequena entre os milhares de Judá, sairá de ti para mim aquele que reinará sobre Israel, cujas origens são desde os tempos antigos, | Depois de Jesus ter nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, vieram alguns magos do oriente a Jerusalém, perguntando (Mt. 2.1) |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | desde os dias da eternidade. (Mq. 5.2) | |
|--|--|--|--|

| | | | |
|--------------------------------|-------|---|---|
| Local de nascimento | NVT | Mas você, ó Belém Efrata, é apenas uma pequena vila entre todo o povo de Judá. E, no entanto, um governante de Israel, cujas origens são do passado distante, sairá de você em meu favor. (Mq. 5.2) | Jesus nasceu em Belém, na Judeia, durante o reinado de Herodes. Por esse tempo, alguns sábios das terras do Oriente chegaram a Jerusalém (Mt. 2.1) |
| Local de nascimento | NBV-P | Ó Belém Efrata, você é apenas uma pequena vila da Judeia, mas será o lugar onde vai nascer o rei de Israel. Ele será descendente de uma família que vem de um passado distante, de tempos antigos! (Mq. 5.2) | Jesus nasceu na cidade de Belém, na Judeia, durante o reinado do rei Herodes. Nesse tempo, alguns sábios das terras do Oriente chegaram a Jerusalém (Mt. 2.1) |
| Vendido por 30 moedas de prata | ARC | E eu disse-lhes: Se parece bem aos vossos olhos, dai-me o que me é devido e, se não, deixai-o. E pesaram o meu salário, trinta moedas de prata. (Zc. 11.12) | e disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E eles lhe pesaram trinta moedas de prata. (Mt.26.15) |
| Vendido por 30 moedas de prata | NVI | Eu lhes disse: Se acharem melhor assim, paguem-me; se não, não me paguem. Então eles me pagaram trinta moedas de prata. (Zc. 11.12) | e lhes perguntou: "O que me darão se eu o entregar a vocês?" E eles lhe fixaram o preço: trinta moedas de prata. (Mt.26.15) |
| Vendido por 30 moedas de prata | A21 | Eu lhes disse: Se parece bem aos vossos olhos, dai-me o que me é devido; caso contrário, deixai-o. Pesaram para meu salário trinta moedas de prata. (Zc. 11.12) | e disse: O que me dareis se eu o entregar a vós? E pesaram-lhe trinta moedas de prata (Mt.26.15) |
| Vendido por 30 moedas de prata | NVT | Então eu lhes disse: "Se quiserem, paguem meu salário; mas, se não | e perguntou: "Quanto vocês me pagarão se eu lhes entregar Jesus?". E |

| | | | |
|--------------------------------|-------|--|---|
| | | quiserem, não me paguem". E eles me pagaram trinta moedas de prata. (Zc. 11.12) | eles lhe deram trinta moedas de prata. (Mt.26.15) |
| Vendido por 30 moedas de prata | NBV-P | E eu disse a eles: “Se vocês acham que é justo, paguem o meu salário; mas, se não quiserem pagar, não me paguem”. E assim eles me pagaram com trinta moedas de prata. (Zc. 11.12) | e perguntou: “Quanto vocês me pagarão se eu entregar Jesus?” E eles lhe deram trinta moedas de prata. (Mt.26.15) |
| Traído por um amigo | ARC | Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar (Sl 41.9) | E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Eu te saúdo, Rabi. E beijou-o. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? Então, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus e o prenderam. (Mt. 26.49-50) |
| Traído por um amigo | NVI | Até o meu melhor amigo, em quem eu confiava e que partilhava do meu pão, voltou-se contra mim. (Sl 41.9) | Dirigindo-se imediatamente a Jesus, Judas disse: "Salve, Mestre! ", e o beijou. Jesus perguntou: "Amigo, que é que o traz? " Então os homens se aproximaram, agarraram Jesus e o prenderam. (Mt. 26.49-50) |
| Traído por um amigo | A21 | Até meu próprio amigo pessoal em quem eu tanto confiava, com quem eu comia o pão, traiu-me (Sl 41.9) | E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Salve, Rabi!* E o beijou. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisso, eles se aproximaram, agarraram Jesus e o prenderam (Mt. 26.49-50) |
| Traído por um | NVT | Até meu melhor amigo, | Então Judas veio |

| | | | |
|--------------------------------------|-------|---|---|
| amigo | | em quem eu confiava e com quem repartia meu pão, voltou-se contra mim. (Sl 41.9) | diretamente a Jesus. "Saudações, Rabi!", exclamou ele, e o beijou. Jesus disse: "Amigo, faça de uma vez o que veio fazer". Então os outros agarraram Jesus e o prenderam. (Mt. 26.49-50) |
| Traído por um amigo | NBV-P | Até meu melhor amigo, em quem eu confiava, me traiu! Quantas e quantas vezes nós comemos juntos! (Sl 41.9) | Então, naquela hora Judas veio diretamente a Jesus e disse: "Olá, Mestre!" e o beijou. Jesus disse: "Amigo, faça logo o que você veio fazer". Então os outros homens se aproximaram, agarraram Jesus e o prenderam. (Mt. 26.49-50) |
| Sofrimento e morte como transgressor | ARC | ... porquanto derramou a sua alma na morte e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu. (Is. 53.12,b) | E crucificaram com ele dois salteadores, um à sua direita, e outro à esquerda. E cumpriu-se a Escritura que diz: E com os malfeitores foi contado. (Mc. 15.27- 28) |
| Sofrimento e morte como transgressor | NVI | ... porquanto ele derramou sua vida até à morte, e foi contado entre os transgressores. Pois ele carregou o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores. (Is. 53.12,b) | Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda, e cumpriu-se a Escritura que diz: "Ele foi contado entre os transgressores". (Mc. 15.27- 28) |
| Sofrimento e morte como transgressor | A21 | ... porque derramou a sua vida até a morte e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos e intercedeu pelos transgressores. (Is. 53.12,b) | Também crucificaram com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à esquerda. E cumpriu-se a Escritura que diz: E foi contado com os transgressores. (Mc. 15.27- 28) |
| Sofrimento e morte como transgressor | NVT | Foi contado entre os rebeldes; levou sobre si a culpa de muitos e | Dois criminosos foram crucificados com ele, um à sua direita e outro |



| | | | |
|--------------------------------------|-------|--|---|
| | | intercedeu pelos pecadores. (Is. 53.12,b) | à sua esquerda. Assim, cumpriram-se as Escrituras que diziam: "Ele foi contado entre os rebeldes (Mc. 15.27- 28) |
| Sofrimento e morte como transgressor | NBV-P | Foi considerado um pecador; pois levou sobre si os pecados de muitos e orou em favor dos pecadores. (Is. 53.12,b) | Dois assaltantes foram crucificados com Jesus e suas cruzes ficavam uma à sua esquerda e outra à sua direita. Assim cumpriu-se a Escritura que dizia: "Ele foi contado entre transgressores (Mc. 15.27- 28) |
| Ressurreição | ARC | Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. (Sl. 16.10) | Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas. (At. 2.32) |
| Ressurreição | NVI | porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo sofra decomposição. (Sl. 16.10) | Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato. (At. 2.32) |
| Ressurreição | A21 | Pois não deixarás a minha vida no túmulo,* nem permitirás que teu santo sofra deterioração. (Sl. 16.10) | Foi a este Jesus que Deus ressuscitou; e todos somos testemunhas disso. (At. 2.32) |
| Ressurreição | NVT | Pois tu não deixarás minha alma entre os mortos, nem permitirás que teu santo apodreça no túmulo. (Sl. 16.10) | Foi esse Jesus que Deus ressuscitou, e todos nós somos testemunhas disso. (At. 2.32) |
| Ressurreição | NBV-P | O Senhor não deixará o meu corpo abandonado no sepulcro; nem permitirá que o seu amado sofra decomposição. (Sl. 16.10) | Davi estava falando de Jesus, e todos nós somos testemunhas de que Deus ressuscitou este Jesus dentre os mortos. (At. 2.32) |

Ressaltamos que, nas citações realizadas no curso do trabalho, procuramos utilizar, na maioria das vezes, a versão NVI (Nova Versão Internacional), por ser de uma linguagem



mais acessível, mas sem modificações significativas na estrutura do texto original.

Concluimos que a revisão da literatura sistemática, como método utilizado, se traduz como uma ferramenta poderosa para sintetizar e avaliar o conhecimento existente em uma determinada área de estudo. Ao seguir um protocolo rigoroso e transparente, ela oferece uma base sólida para a pesquisa futura. No entanto, é importante reconhecer os desafios e considerações associados a esse processo e abordá-los de forma adequada para garantir a qualidade e a confiabilidade dos resultados, o que procuramos fazer no presente caso.



2. AS PROFECIAS MESSIÂNICAS NO VETEROTESTAMENTÁRIAS

Os textos veterotestamentários começam narrando a história da criação do mundo por Deus, onde é possível perceber, entretanto, a atuação da Trindade, quando verificamos a conjugação do verbo “façamos”, na primeira pessoa do plural. O conjunto de Gênesis com os quatro (quatro) próximos livros que compõem os escritos veterotestamentários é denominado de Pentateuco, cuja autoria é atribuída pela tradição judaica a Moisés, considerado seu maior profeta.

O fato é que, desde o primeiro livro das Escrituras Sagradas judaicas, ecoa uma promessa de um homem que viria para aniquilar o poder do pecado, que entrou no mundo pela desobediência humana, pois Deus, desde a degeneração do ser humano pelo ingresso do pecado no mundo, se preocupou em reconciliar consigo, o homem, tornando-o novamente sua imagem e semelhança, além de resgatar a beleza e a originalidade de toda sua criação, inclusive animais e toda a natureza.

Nas palavras de Antonio Wardison e César Teixeira:

[...] Como sublinhado, a obra de criação é a revelação de Deus na história e, por isso, é a manifestação da graça divina. A criação associa-se à salvação porque o homem, ao preservar a criação, colabora com o projeto de Deus e cultiva seu dom ao qual ele foi chamado: unir-se a Deus. No entanto, ao desprezar a criação, despreza o próprio Deus criador e, com isso, distancia-se da sua salvação. O pecado surge então como perversão da ordem da criação. Esta é a natureza do pecado: perversão da boa ordem da criação segundo a vontade de Deus, e, desse modo, numa ruptura da comunhão entre Deus e o ser humano e entre os seres humanos e a criação não-humana. O homem, ao romper com a comunhão divina, compromete toda a criação [...]. (Wardison, 2011, p. 28).

Ao longo das escrituras, essa promessa vai se aperfeiçoando e tomando contornos muito palpáveis, chegando à riqueza de detalhes com as denominadas profecias messiânicas, que são aquelas que se relacionam com o “ungido” de Deus, o homem da promessa, o Redentor ou Renovo mencionados nos escritos veterotestamentários e que viria para salvar seu povo e aniquilar as distorções causadas pelo pecado, tais como a perda do estado de inocência, a quebra da comunhão entre o homem e Deus, o desequilíbrio da natureza e de toda a criação, além da sentença a um trabalho árduo, dores de parto à mulher e inimizade.

Deste modo, sabe-se que, ainda no Livro de Gênesis, Deus chama “Abrão”, para fazer dele um povo separado, próprio e exclusivo, herança especial e “propriedade” particular de Deus, do qual descenderia o “Messias”. O fato é que toda a cultura e a religião judaicas estão baseadas nesta viva esperança, vivendo de modo a aguardar o cumprimento deste evento tão importante e significativo, prometido pelo próprio Deus ao seu povo escolhido.



Destarte, iniciando esta investigação, se faz necessário uma análise das características dos textos proféticos, bem como identificar nos escritos da Antiga Aliança, algumas profecias, em especial as que se referem ao Messias prometido por Deus, espalhados por diversos livros do Texto Sagrado dos judeus, denominados por estes de Tanakh e conhecidos entre os cristãos como Antigo Testamento, abordagem esta que se baseia não apenas em textos bíblicos e que possuem, não apenas a fé como elemento caracterizador, mas também fatos e relatos históricos.

2.1 Características dos textos proféticos

Iniciando nossa investigação, oportuno ressaltar que os textos proféticos messiânicos, ou seja, que apontam para o Messias e Salvador prometido por Deus para a humanidade, espalhados ao longo da Bíblia, mais especificamente em sua parte veterotestamentária, sempre descrevem características pessoais do seu ungido ou fatos que se consumaram em sua pessoa.

Neste ponto, frisamos que o fenômeno da profecia, não era estranho nas culturas do Antigo Oriente, entre as quais se inclui a israelita. Entre os israelitas, o ministério de profeta era extremamente importante e honroso, tendo sido exercido ao longo da história de seu povo por diversos homens e mulheres, dentre os quais podemos citar Abraão (Gn 20.7); Moisés (Dt. 34.10); Débora (Jz. 4.4); Samuel (1 Sm. 3.20); Hulda (2 Cr. 34.22), Elias e Eliseu que são destaques nos Livros dos Reis, podendo acrescentar, ainda, apenas a título de exemplo, os profetas Isaías (o profeta messiânico por excelência), Jeremias, Ezequiel, Amós e Miquéias, Zacarias, entre outros.

Toda a nação israelita respeitava o profeta como um verdadeiro líder, sendo considerado como a voz do próprio Deus na terra. Os próprios reis de Israel e Judá consultavam os profetas quando necessitavam tomar uma decisão importante para a nação, de modo que podemos perceber que as profecias e os profetas eram levados em grande consideração pelo povo de Deus.

O que de mais marcante podemos extrair de passagens proféticas é que são anunciadas antes que venham a ocorrer na prática, podendo-se dizer que seriam uma “previsão para o futuro”, característica mais acentuada e impressionante, pois a antecedência temporal com que são proferidas acabam sendo uma prova quase incontestável de que foram preditas por um ser maior, no caso da nação de Israel, pelo próprio Deus.

Assim, acerca das profecias messiânicas, não apenas a quantidade (mais de 330 profecias, sendo que alguns estudiosos chegam a mencionar mais de 450), mas também a exatidão e especificidade dos textos proféticos, podem demonstrar historicamente que Jesus é o Messias, na medida em que todas se cumpriram em sua pessoa. Antes, no entanto, é importante demonstrar que tais profecias não são falsificações posteriormente inseridas, ou seja, se faz necessária a defesa da anterioridade, a principal característica dos textos preditórios.

Na tentativa de desqualificar Jesus como Messias, poderiam alguns, em especial os opositores do cristianismo ou ateus, alegar que as predições foram inseridas no texto sagrado depois que Jesus veio ao mundo. Neste ponto, é importante lembrar que as Escrituras hebraicas foram concluídas próximo ao ano 400 a.C e a Septuaginta, ou seja, a versão grega das referidas Escrituras foi historicamente concluída em 247 a.C.

Outro dado importante, citado por Roger Liebi (2018), em seu livro “O Salvador Prometido” é que entre os anos de 1947 e 1956, foram encontrados manuscritos bíblicos em cavernas próximas ao Mar Morto, especificamente em Qumran. Esta descoberta, foi datada de antes do nascimento de Cristo e documenta em todos os livros do Antigo Testamento, com exceção do livro de Ester.

O rolo compreende, inclusive, um texto completo do profeta Isaías que, conforme já citamos, é considerado o profeta messiânico, já que a maior parte das profecias acerca do Ungido de Deus encontra-se no referido livro. Segundo relato de Roger Liebi (2018, p.9):

[...] Esse rolo, formado pelas peles de dezessete cabras costuradas uma à outra, mede 7,34 metros de comprimento e 26 centímetros de largura. O ótimo estado de conservação desse rolo é de fato sensacional com base em análises paleográficas e pela datação com carbono-14, realizadas no Instituto Federal de Tecnologia de Zurique, Suíça, datou-se esse manuscrito por volta de 125 a.C [...]

Destacamos que, segundo publicação digital do Jornal da USP (Universidade de São Paulo)², os Escritos do Mar Morto, foram descobertos por beduínos árabes que, por acaso, entraram numa das várias cavernas de Qumran, no deserto da Judeia (a 12 quilômetros ao sul de Jericó), e ali se depararam com vasos longos e cilíndricos, que continham manuscritos muito antigos, alguns em estado fragmentário. Um desses documentos – identificado mais tarde – era uma cópia do livro bíblico de Isaías produzida entre 125 e 100 antes de Cristo, que veio a ser considerada a maior conquista da arqueologia do século 20.

Assim, a autenticidade dos escritos proféticos acerca do Messias resta absolutamente

² <https://jornal.usp.br/cultura/manuscritos-do-mar-morto-ainda-guardam-misterios-70-anos-depois>.



comprovada pelos achados históricos, escritos bem antes da vinda de Jesus ao mundo. Segundo notícia publicada no Jornal da USP (no site acima citado), setenta anos depois da descoberta involuntária dos escritos do Mar Morto, pesquisadores de várias partes do mundo ainda discutem seu significado.

No Brasil, o debate foi enriquecido com o lançamento, em 2017, do livro *Manuscritos do Mar Morto – 70 Anos da Descoberta*, organizado por Fernando Mattioli Vieiraque, é doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e professor da Universidade de Pernambuco.

Referida obra traz seis artigos de especialistas do Brasil e do exterior sobre diferentes aspectos dos manuscritos – desde uma introdução geral aos documentos de Qumran e a produção bibliográfica brasileira sobre o tema até uma análise da vida da mulher na seita que produziu os textos. No final, a obra apresenta ainda um apêndice com os títulos das matérias sobre os Manuscritos do Mar Morto publicadas entre 1956 e 2017 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo.

Aliás, o próprio Deus, ao inspirar os profetas a escreverem, desafia: *“Quem então é como eu? Que ele o anuncie, que ele declare e exponha diante de mim o que aconteceu desde que estabeleci meu antigo povo, e o que ainda está para vir; que todos eles predigam as coisas futuras e o que irá acontecer”* (Isaías 44.7, NVI). E ainda em Isaías 48.3: *“Eu predisse há muito as coisas passadas, minha boca as anunciou, e eu as fiz conhecidas; então repentinamente agi, e elas aconteceram”* (Isaías 48.3, NVI).

Desta forma, verificamos com clareza que os textos proféticos acerca da pessoa de Jesus são incontestáveis, seja pela antecedência histórica da escrita, já que o livro do profeta Isaías foi escrito cerca de 700 anos antes de Cristo, seja pelos achados arqueológicos que confirmam a anterioridade (vez que os escritos do Mar Morto datam de 250 a 68 antes de Cristo e contém rolo com o Livro do Profeta Isaías), característica principal dos escritos na modalidade de profecia, como as passagens do Antigo Testamento acerca do Messias.

Nossa análise, evidentemente, parte da Bíblia Sagrada, que é nossa fonte primária e mais importante de pesquisa, mas é certo que vários autores nacionais e internacionais já pesquisaram o tema, nos servindo como subsídio e referências. Podemos mencionar John Ankerberg e John Weldon (1993), que escreveram *“Os Fatos Sobre Jesus, O Messias”*, livro no qual argumentam que até mesmo os críticos são obrigados a reconhecer que as profecias sobre Jesus, tratadas em sua obra já existiam muito antes dele ter nascido e que este Messias é mencionado em detalhes tão específicos nas Escrituras hebraicas que se torna praticamente



impossível justificar os textos destas predições sem reconhecer que a Bíblia é uma revelação divina para a humanidade.

Segundo os autores, a mencionada obra apresenta uma pequena parte da evidência de que a vinda do Messias já era anunciada no Antigo Testamento e que Deus presenteou com estas evidências todos aqueles que estiverem dispostos a permitir que os fatos falem por si mesmos e, assim, descubram a verdade, ou seja, que Jesus era o Messias prenunciado.

De outra borda, já partindo para a Bíblia Sagrada, nos escritos neotestamentários notamos que o evangelista que mais se preocupou em comprovar e relatar o cumprimento das profecias acerca do Messias na pessoa e Jesus, foi Mateus, pois seu Evangelho é direcionado, em especial, aos judeus e, portanto, tinham uma maior familiaridade com as Escrituras hebraicas, onde as promessas estavam relatadas bem antes do nascimento do Mestre. Vale dizer: ele ansiava que os judeus, seu povo, reconhecesse Jesus como Rei e Salvador. Também citamos Roger Liebi (2018), que no seu livro *“O Salvador Prometido”* defende que o Messias é descrito em mínimos detalhes nos escritos do Antigo Testamento, em centenas de profecias precisas e diferenciadas, que se cumpriram de forma literal no Novo Testamento.

Segundo este último autor, este fato prova, no sentido literal da palavra, que Jesus de Nazaré é o Messias profetizado ainda sob a égide da Velha Aliança. Este ainda observa que os escritos do Antigo Testamento descrevem o Messias até nos mínimo detalhes, distinguindo as profecias acerca de um Messias sofredor, que seria odiado, rejeitado e executado de um Messias triunfante, que viria estabelecer um glorioso reino mundial de paz.

Esta distinção é de extrema importância no estudo, pois verificamos que as profecias sobre o Messias triunfante, como argumenta o citado autor, ainda são para o futuro e continuamos aguardando-as, enquanto que as predições sobre o Salvador sofredor já se cumpriam plenamente quando Jesus viveu como homem entre nós.

E, neste sentido, o presente estudo contribui para que todos que se disponham a constatar a veracidade das escrituras comprovadas na pessoa de Jesus, criam que as profecias de um Messias triunfante, da mesma forma que as do Messias sofredor, vão infalivelmente se cumprir e, assim, sigam confiantes e firmes da esperança das gloriosas promessas que Deus tem para um povo chamado “igreja”.

Neste ponto, oportuno esclarecer que aqui utilizamos o vocábulo “igreja” com um significado que vai muito além do templo onde as pessoas se reúnem para prestar culto ou adoração ao seu Deus, sendo, na verdade, a universalidade de pessoas que professam uma fé genuína nas escrituras, em que todos coletivamente e cada um, individualmente pode ser



assim considerada, como igreja ou templo do Senhor (1 Co 6.19).

2.2 Principais profecias no Pentateuco

O Pentateuco é uma expressão grega que significa "cinco rolos" ou livros. Na Bíblia sagrada, nos moldes que a conhecemos hoje, compreende os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, ou seja, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, sendo sua autoria atribuída à Moisés, o maior profeta do judaísmo (Dt. 34.10). Referidos livros narram desde a criação do mundo, passando pela história da formação dos povos; destruição da criação pelo dilúvio; o chamado de Abraão para dele formar um povo separado e exclusivo de Deus, relatando, a partir de então, a história de Israel, incluindo o cativeiro egípcio (após a morte de José); a libertação milagrosa, com sinais e maravilhas realizadas por Deus para este evento; a peregrinação e provisão no deserto; a entrega da Lei de Deus ao povo, através do profeta Moisés; a descrição em detalhes do tabernáculo, bem como da forma como o Senhor deseja ser adorado; o primeiro censo e o recenseamento do povo, da além de relatar a morte dos principais líderes antes da entrada na terra prometida.

Este conjunto de livros possui um claro objetivo, ao ilustrar continuamente a intervenção divina no curso da Humanidade, de evidenciar a presença de Deus na História dos povos, em especial de Israel. Diante desta realidade, não é difícil perceber em sua narrativa diversas passagens com caráter messiânico, a começar pela sentença proferida por Deus à serpente, por ter induzido o ser humano ao pecado, que se encontra descrita em Gênesis 3.15, assim transcrito: *“Porei inimizade entre você e a mulher; entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”* (Nova Versão Internacional).

Referido texto, denominado de Proto-Evangelho, porque é a primeira indicação da intenção redentora de Deus após a queda no jardim do Éden. O versículo em questão estabelece, portanto, um princípio que percorre toda a Escritura, criando a expectativa de um Redentor, que seria um descendente (semente) da mulher.

Assim fica evidente que o texto de Gênesis 3.15 se trata de uma passagem messiânica. Nas palavras de Dereck Thomas:

[...] Quando Adão e Eva falharam em obedecer os termos do pacto das obras (Gn 3.6), Deus não os destruiu (o que seria justiça feita), mas em vez disso revelou Seu pacto da graça a eles, prometendo um Salvador (Gn. 3.15), aquele que restauraria o



reino recentemente destruído. O método da graça de Deus é caro: o calcanhar do Salvador será ferido. Evidentemente, esta é uma metáfora, a qual, no contexto, deve ser contrastada com o golpe que a serpente recebe (o esmagamento de sua cabeça), mas é imediatamente aparente o que isso envolve - o derramamento de sangue substitutivo. Isso parece ser o que está por trás da provisão de peles de animais como uma cobertura para Adão e Eva em Gênesis 3.21 [...] (Thomas, 2021, p. 36).

De acordo com o entendimento de Walter C. Kaiser Júnior “[...] A ‘semente/descendência’ mencionada neste versículo passou a ser a raiz da qual cresceu a árvore da promessa do AT de um Messias. Essa, portanto, era a ‘profecia mãe’ [...]”. Vários textos do Novo Testamento apontam para Cristo como o descendente da mulher, como, por exemplo, Gálatas 4. 4-5: “[...] Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei, a fim de redimir os que estavam sob a lei, para que recebêssemos a adoção de filhos [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 1134).

Desta forma, podemos concluir que Gênesis 3.15 é a primeira passagem das Escrituras Sagradas a apontar para um Redentor, sendo, claramente, um texto messiânico o que o torna importante para o presente estudo. Ainda no Pentateuco, podemos identificar passagens messiânicas na era patriarcal, quando Deus chama a Abraão em Gênesis 12.1-3 e pede que deixe sua terra e siga para um lugar que ainda iria lhe mostrar, atitude que exigiu fé e o obediência do patriarca, marcando, ainda, o plano de Deus de separar um povo através do qual tornaria real a promessa de um Salvador, prometido no proto-Evangelho acima mencionado.

Interessante notar que quando Deus chama Abraão também menciona sua descendência e que todas as famílias da terra seriam nele benditas, ou seja, a questão da semente e descendência sempre permeou as promessas de redenção para a humanidade. No livro o “Messias no Antigo Testamento”, Walter C. Kaiser Júnior interpreta que:

[...] Deus, da tribo dos semitas a quem fez sua promessa de habitar entre elas, chama um casal semita, Abrão e sua esposa Sarai, a deixar as redondezas confortáveis de Ur, no sul da Mesopotâmia, e ir cerca de 1.770 quilômetros de distância para uma terra, cujo nome não é mencionado, que ele indicaria para eles. Esse “chamado de Abraão”, como o episódio será denominado mais tarde, começa com uma nova era na história e uma nova época nas revelações sobre o plano da promessa de Deus com seu personagem central, o Messias [...] (Kaiser Júnior, op. Cit, 2021, p. 44).

Em outras duas ocasiões, a mesma promessa foi reproduzida para Isaque (filho de Abraão e Sara), conforme lemos em Gênesis 26.4: “[...] Tornarei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e lhes darei todas estas terras; e por meio da sua descendência todos os povos da terra serão abençoados [...]” e Gênesis 26.4 e 26.23-24: “[...] Naquela noite, o Senhor lhe apareceu e disse: ‘Eu sou o Deus de seu pai Abraão. Não tema,



porque estou com você; eu o abençoarei e multiplicarei os seus descendentes por amor ao meu servo Abraão [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 25).

E, ainda, as mesmas palavras foram repetidas na vida de Jacó, em Gênesis 28.14: “[...] Seus descendentes serão como o pó da terra, e se espalharão para o Oeste e para o Leste, para o Norte e para o Sul. Todos os povos da terra serão abençoados por meio de você e da sua descendência [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 28).

Não é outra a razão pela qual Deus sempre é lembrado ao longo das Escrituras Sagradas como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, pois é através da descendência desses patriarcas que o Messias viria ao mundo. Mas as Escrituras Sagradas vão além, sendo ainda mais específica quanto à linhagem da descendência do homem que deveria remir a humanidade, quando lemos as bênçãos de Jacó a cada um de seus filhos.

Nesta ocasião, deixando de lado questões culturais que conferiam privilégios ao filho primogênito, o patriarca Jacó, cujo nome foi mudado por Deus para Israel, abençoou seu quarto filho, Judá, profetizando uma proeminência ou “reinado” sobre seus irmãos, o que fica claro quando lemos em Gênesis 49.10: “[...] O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 49). O Messias, portanto, seria um descendente da tribo de Judá.

Ainda no Pentateuco merece destaque a predição mosaica, no texto de Deuteronômio 18.15: “[...] O Senhor, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um profeta como eu; ouçam-no [...]” e 18: “[...] Levantarei do meio dos seus irmãos um profeta como você; porei minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 176).

Trata-se também de uma profecia sobre o Messias que haveria de vir, pois ao especificar um profeta, no singular há uma clara intenção de comunicar uma decisão voluntária, intencional de colocar uma pessoa específica no centro desta promessa.

A importância de Moisés enquanto profeta do povo semita é inquestionável, sendo a Bíblia enfática no sentido de que nunca houve em Israel profeta como ele, com quem Deus falava face a face e que realizou os feitos, sinais e maravilha por ele executados aos “olhos de todo Israel”, conforme podemos confirmar em Deuteronômio 34.10-12. Assim, ao sair dos lábios do próprio Moisés acerca de um profeta como ele que seria levantado no meio do povo, resta evidente que somente poderia ser alguém maior que Ele, por certo o Messias prometido, o ungido de Deus.



Verificamos, portanto, que os cinco primeiros livros veterotestamentários, os livros da Lei, “Torah” ou Pentateuco já traziam em seu bojo informações preciosas acerca do plano de salvação para a humanidade, deixando claro que viria da “semente” da mulher, através de descendência de Abraão, Isaque e Jacó, através da linhagem da tribo de Judá e que se revelaria como um profeta poderoso em obras, à semelhança de Moisés.

2.3 Principais profecias nos livros históricos e dos profetas

Os denominados livros históricos veterotestamentários são formados por: Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester. São livros que narram a história do povo de Israel, desde a conquista da terra prometida, sob a liderança de Josué até o retorno do exílio babilônico, passando pelo período dos juízes, com destaque para o sacerdote Eli e Samuel, que foi o último juiz de Israel, já que em seu tempo o povo pediu um rei, pois deseja tornar-se como as demais nações, rejeitando, assim, a teocracia então vigente dentre o povo separado do Senhor.

Neste período podemos destacar a belíssima história de Ana, mãe do profeta Samuel que, em seu cântico de louvor a Deus pelo milagre de gerar seu filho, proferiu palavras proféticas acerca do Messias, conforme 1 Samuel 2.10: “[...] Aqueles que se opõem ao Senhor serão despedaçados. Ele tropejará do céu contra eles; o Senhor julgará até os confins da terra. Ele dará poder a seu rei e exaltará a força do seu unctivo [...]” (Nova Versão Internacional).

Walter C. Kaiser Júnior (2021), acerca da oração de Ana defende que:

[...] Uma terminologia semelhante sobre o Senhor julgando até os confins da terra e sobre um império dado a seu Messias-Rei aparece em Salmos 2 e 110. Nesses textos de Salmos, as referências são claramente messiânicas, por isso parece justo propor que esses textos foram possivelmente usados na oração de Ana transmitindo teologia pelos próprios pensamentos existentes neles sobre o Messias [...]. (Kaiser Júnior, op. cit. p. 65).

Os livros históricos também passam pela monarquia Davídica. Davi, um simples pastor de ovelhas foi denominado por Deus como “homem segundo seu coração” e escolhido para reinar em lugar de Saul, a quem o Senhor havia rejeitado, em razão de sua desobediência.

Descendente de Jessé, da tribo de Judá, nascido em Belém, Davi veio a se tornar o mais conhecido rei de Israel. Com um coração quebrantado e um desejo contínuo de agradar a Deus, tentou em seu coração construir um templo, no qual o Senhor pudesse ser adorado e onde Seu nome habitasse para sempre. Ocorre que, através do profeta Natã, Deus falou a Davi que não seria ele que iria construir um templo ao Senhor, mas seu filho e sucessor no trono, Salomão.



Em contrapartida, Deus prometeu uma dinastia e um reinado eterno ao seu servo Davi, conforme observamos em 2 Samuel 7.16: “[...] Quanto a você, sua dinastia e seu reino permanecerão para sempre diante de mim; o seu trono será estabelecido para sempre [...]”. (Nova Versão Internacional, 2016, p. 279).

Evidentemente esta promessa faz menção ao Messias, cujo reinado será eterno, de modo que concluímos que este deveria ser um descendente de Davi. Neste aspecto também é interessante apontarmos, até como forma de endossar o que já nos ensinou as profecias messiânicas no Pentateuco, que a questão da linhagem do Messias vai se afunilando, passando da “semente da mulher” (que, em tese, poderia ser qualquer ser humano), para a descendência de Abraão, depois Isaque e Jacó, da tribo de Judá e, dentre os da tribo de Judá, um filho de Jessé e, finalmente, uma dinastia eterna através da linhagem de Davi.

Em suma: o Messias, de acordo com as promessas bíblicas, teria que ser um descendente de Davi, que foi um rei, escolhido e preparado pelo próprio Deus, considerado como um “homem segundo o seu coração” (1 Sm. 13.14). Para não deixar dúvidas acerca da escolha divina, Davi foi ungido como rei em três ocasiões diferentes: primeiro pelo profeta Samuel, na passagem de 1 Samuel 16.13; mais tarde pela tribo de Judá, em 2 Samuel 2.4 e, por fim, por todo Israel, em 2 Samuel 5.3.

Desta forma quando Deus promete uma dinastia eterna a Davi, na passagem bíblica acima cita (2 Samuel 7.16), estamos diante de uma profecia messiânica de suma importância, pois vai conduzir a promessa de um Salvador para a humanidade de uma forma bem específica e delimitada, valendo dizer: os detalhes vão se avolumando na medida em que a revelação de Deus ao seu povo vai progredindo. E o cumprimento de cada um desses detalhes pelo Messias se tornarão provas importantes e determinantes para se aferir a sua identidade.

Desta passagem bíblica, apontada e ora estudada, (2 Samuel 7.16) podemos concluir que Deus inverteu a intenção de Davi quando desejou construir uma casa em honra ao nome de Deus. Com as palavras do profeta Natã ao rei de Israel vemos que em vez de Davi construir uma casa para o Senhor, este mesmo é quem edificaria uma “casa”, ou seja, uma linhagem e descendência real eterna para Davi. Certamente uma grande promessa, uma enorme honra à família deste rei, ungido e escolhido por Deus.

Acerca desta profecia nos ensina Walter C. Kaiser Júnior (2021):

[...] As implicações dessa promessa ser uma garantia para toda a humanidade são bem claras: o que Davi recebeu tem de ser transmitido a todos, incluindo todos os gentios e nações da terra. Esse é mais um reforço do tema do evangelho anunciado em Gênesis 12.3, de que todas as nações da terra seriam abençoadas na semente de Abraão. Davi, em vez de ver as dádivas concedidas a ele por Deus de uma forma



egoísta, as vê da perspectiva missiológica. A garantia para a humanidade não é nada menos que o plano de Deus para toda a raça humana. Toda a humanidade pode se beneficiar do que acabara de lhe ser dito sobre sua casa/dinastia, reino e trono [...] (Kaiser Júnior. op. cit., 2021, p. 75).

O que até aqui temos é que a aliança abraâmica escolhe um povo que seria separado para Deus; a aliança mosaica providenciou a lei deste povo e a aliança davídica agora fornece um rei humano para este povo. E as Escrituras seguem nos mostrando mais detalhes acerca deste plano divino.

Passando agora ao livro dos profetas, podemos perceber que estão impregnados de predições messiânicas, cumprindo-nos aqui analisar as principais, de forma suscita, dentro do que nos permite a natureza e abrangência do estudo, mas de forma que o leitor realmente se atente a cada detalhe somado à pessoa do Messias que haveria de vir ao mundo para salvar toda a humanidade e reinar para sempre.

Não se duvida de que dentre os profetas, o que mais recebeu predições e “informações” acerca do Messias foi Isaías, considerado o profeta messiânico ou o “quinto evangelista”, de modo que podemos iniciar nossa análise a partir de uma das passagens mais conhecidas de toda a Bíblia, estampada em Isaías 7.14, que trata do nascimento virginal daquele que haveria de reinar eternamente: “[...] Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 655), profecia anunciada em um contexto de crise no reino de Israel, quando o próprio Deus falara ao rei Acáz para lhe pedir um sinal e ele se recusa.

O anúncio é intrigante, pois evidentemente seria impossível humanamente, ao menos naquela época em que se desconhecía a inseminação artificial, que houvesse um nascimento através de uma virgem, já indicando que esta promessa somente poderia ser cumprida através de um milagre, uma “maravilha” que somente poderia ser realizada por Deus.

Mas a profecia vai além, pois descreve também o “nome” deste filho, Emanuel, que significa “Deus conosco”, indicando que este menino não seria um homem comum, mas já adiantando sua natureza divina. Outra passagem muito difundida da Bíblia acerca do Messias se encontra em Isaías 9.6-7: “[...] Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 657).



O contexto histórico em que esta profecia foi escrita era de um cenário de guerra. Em razão de sua reiterada desobediência e insubordinação a Deus, Israel havia sido invadida pelo rei assírio Tiglate Pileser, os israelitas estavam sendo levados cativos, vivendo um momento de extrema angústia e humilhação.

Nesta profecia, Deus oferece ao seu povo esperança para o futuro, que seria de paz, através de um descendente de Davi sobre o trono e que traria justiça e retidão para sempre. No mesmo capítulo de Isaías, no versículo 2, há uma maravilhosa promessa para aqueles que estavam vivendo dias de trevas: “[...] O povo que caminhava em trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 656).

Importante registrar e atentar para o fato de que esta passagem também coloca o cumprimento dessa profecia na Galileia, visto que no versículo 1, segunda parte, lemos que “[...] mas no futuro honrará a Galileia dos gentios, o caminho do mar, junto ao Jordão [...]”, adiantando que o ministério terreno do Salvador estaria intimamente ligado com esta região, sendo certo, por outro lado, que Jesus, embora nascido em Belém, habitava a região da Galileia, mas precisamente, a cidade de Nazaré.

Os atributos do “menino-rei” mencionados no texto de Isaías 9.6 também nos informam acerca da personalidade, forma de viver e características do rei prometido, algumas claramente percebidas em seu ministério terreno, outras reservadas ao seu reinado eterno, que ainda é uma promessa a ser cumprida, mas que também é fidedigna, quando analisamos tudo o que o Messias já cumpriu em sua primeira vida.

A palavra “Maravilhoso” nos remete a milagres e maravilhas, ou seja, Ele realizaria coisas grandiosas e impossíveis aos homens; também seria um “Conselheiro”, mas um conselheiro diferente dos que existiam até então, com o Messias os rumos serão corretos porque os conselhos serão corretos.

Quando nos deparamos com a expressão “Deus Forte” podemos extrair preciosas lições: o messias seria o próprio Deus e teria força. Ele tem todo o poder, mas o utiliza para o bem, para dar descanso ao seu povo, até então oprimido por homens que se achavam poderosos, mas que, na realidade, eram limitados e temporários. Além disso, o Deus Forte traria a justiça (e não injustiça, como até então ocorria). Ele seria forte o bastante para estabelecer e manter para sempre a tão esperada paz, o que nos remete à próxima característica, de “Pai da Eternidade”, que se contrapõe à efemeridade de tudo que é humano. Embora o Messias homem, tenha sido gerado no ventre de uma mulher, tendo, portanto,



humanamente um “início”, o filho de Deus, na unidade com o Pai, não tem começo, nem fim, mas é eterno, assim como a promessa de que seu reino será eterno.

Por fim, a profecia menciona o unguido de Deus como “Príncipe da Paz”, contrapondo o ambiente de guerra, humilhação e injustiça que o povo estava vivendo, o Messias traria uma paz perpétua, que o mundo todo anseia. Destacamos, ainda que, conforme magistério de John Ankerberg e John Weldon, há um paralelo entre esta passagem de Isaías e o Salmo 2:

[...] Alguns eruditos observaram a ligação dessa passagem com o Salmo 2 que fala não só do Messias do Senhor (v. 2), mas também incrivelmente fala de Deus como tendo um Filho: **“Beijem o Filho... Bem-aventurados todos que nele se refugiam”** (Sl 2.12). Eles então notaram: “O Messias logo se tornou conhecido, não apenas como filho de Davi, mas também como Filho de Deus. “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” [...]. (Sl 2.7b). (Weldon, op. cit., 1993, p. 39).

Assim, se por um lado, no capítulo 9 a Isaías são reveladas características da personalidade do Messias, o capítulo 53 chega a detalhes até mesmo quanto à sua aparência física e as dores que iria suportar. O capítulo 53 de Isaías é de uma magnitude profética singular e revela o Messias sobretudo como “servo”, contrariando a ideia e o pensamento de que Ele seria apenas um rei poderoso e que libertaria seu povo com “mão forte”. O texto deixa muito clara a ideia (já revelada no Éden) de que o unguido de Deus, aquele que iria pisar na cabeça da serpente também sofreria, nas palavras de Gênesis 3.15 teria ferido o “calcanhar”.

Poucas palavras podem competir com Isaías, capítulos 52 e 53 quanto à clareza a respeito do sofrimento, morte, sepultamento e ressurreição do Messias, sendo necessário reproduzir o texto bíblico, no intuito, não apenas de comparar posteriormente ao que Jesus sofreu em seu ministério terreno, mas também contemplar a beleza e grandiosidade desta revelação: “[...] Por isso o meu povo conhecerá o meu nome; naquele dia eles saberão que sou eu que o previ. Sim, sou eu. Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas novas, que proclamam a paz, que trazem boas notícias, que proclamam salvação, que dizem a Sião [...]” :

[...] O seu Deus reina! Escutem! Suas sentinelas erguem a voz; juntas gritam de alegria. Quando o Senhor voltar a Sião, elas o verão com os próprios olhos. Cantem juntamente de alegria, vocês, ruínas de Jerusalém, pois o Senhor consolou o seu povo, ele resgatou Jerusalém. O Senhor desnudará seu santo braço à vista de todas as nações, e todos os confins da terra verão a salvação de nosso Deus. Afastem-se, afastem-se, saiam daqui! Não toquem em coisas impuras! Saiam dela e sejam puros, vocês, que transportam os utensílios do Senhor. Mas vocês não partirão apressadamente, nem sairão em fuga; pois o Senhor irá à frente de vocês, o Deus de Israel será a sua retaguarda. Vejam, o meu servo agirá com sabedoria; será levantado e erguido e muitíssimo exaltado. Assim como houve muitos que ficaram pasmados diante dele; sua aparência estava tão desfigurada, que ele se tornou irreconhecível como homem; não parecia um ser humano; de igual modo ele aspergirá muitas



nações, e reis calarão a boca por causa dele. Pois aquilo que não lhes foi dito verão, e o que não ouviram compreenderão [...]. (Isaías 52.6-15), Nova Versão internacional, 2016, p. 704-705)

Prosseguindo no capítulo seguinte:

[...] Quem creu em nossa mensagem e a quem foi revelado o braço do Senhor? Ele cresceu diante dele como um broto tenro, e como uma raiz saída de uma terra seca. Ele não tinha qualquer beleza ou majestade que nos atraísse, nada em sua aparência para que o desejássemos. Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças, contudo nós o consideramos castigado por Deus, por ele atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido, contudo não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca. Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado. Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido qualquer violência nem houvesse qualquer mentira em sua boca. Contudo foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor faça da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão. Depois do sofrimento de sua alma, ele verá a luz e ficará satisfeito; pelo seu conhecimento meu servo justo justificará a muitos, e levará a iniquidade deles. Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes, e ele dividirá os despojos com os fortes, porquanto ele derramou sua vida até à morte, e foi contado entre os transgressores. Pois ele carregou o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores [...] (Isaías 53.1-12 - Nova Versão Internacional, 2016, p. 705).

O texto inegavelmente se refere ao Messias, conforme bem pontuam John Ankerberg e John Weldon:

[...] Finalmente, uma prova de que Isaías está falando do Messias vindouro e não da nação de Israel é encontrada em Isaías 53.8, onde o texto declara: **“Por causa da transgressão do meu povo foi ele ferido”**. Quem é o “meu povo” a quem ele se refere? Tem que ser Israel. Mas se o “Servo” é ferido pelas transgressões do “meu povo”, então o Servo não pode ser Israel. Tem que ser o Messias que vai passar pelo sofrimento. Finalmente, através dessa passagem, o Servo é descrito como um indivíduo. Ela fala do que *ele* fez, como *ele* foi desprezado, como *ele* foi rejeitado, e como o Senhor colocou sobre *ele* a iniquidade de todos nós. Tudo isso o Servo fez em benefício do “meu povo” [...] (Weldon, op. cit., 1993, p. 45).

Acerca deste texto de Isaías 53, vale compartilhar o comentário de Walter C. Kaiser

Júnior:

[...] O versículo 6 é o versículo central nessa narrativa do sofrimento do Servo, pois dá voz à grande confissão da natureza vicária e substitutiva da obra do do Servo. Todos nós nos desviamos como ovelhas. Esse é o instinto de



manada em todos nós (do contrário conhecido como depravação). Mas há também a culpa individual, pois



somos todos pecadores por escolha; cada um de nós se voltou para seu próprio caminho [...] (Kaiser Júnior, op. cit., 2021, p. 167).

Resta evidente, ainda, através da leitura e interpretação do texto do profeta messiânico que a morte do ungido de Deus não é um acidente, mas uma vontade deliberada do Criador, pois a própria vida do Messias se constitui como oferta pela culpa de toda a humanidade, mas que alcança aqueles que reivindicam sua provisão e salvação.

Entendemos então, de uma forma clara que este Salvador, aqui descrito em detalhes, seria alguém com uma aparência física comum, mas com uma disposição extraordinária para servir e entregar a própria vida em favor da humanidade, sofrer, padecer, a ponto de ser chamado “homem de dores” em algumas traduções bíblicas desta passagem, mas também já temos mais uma magnífica revelação de que ele triunfaria, inclusive sobre a morte, prosperará e seria honrado.

Em Isaías, não poderíamos deixar de apontar o texto do capítulo 61, que foi referenciado pelo próprio Jesus mais tarde, quando ensinava na sinagoga em Nazaré, conforme narrado em Lucas 4.16-22.

Vejamos o texto profético em Isaías 61.1-3:

[...] O espírito do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; A apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes; A ordenar acerca dos tristes de Sião que se lhes dê glória em vez de cinza, óleo de gozo em vez de tristeza, vestes de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantações do Senhor, para que ele seja glorificado [...] (Almeida Corrigida Fiel, versão eletrônica).

A passagem lida posteriormente por Jesus em seu ministério terreno recebe o seguinte comentário por parte do mestre: “[...] Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos [...]” em Lucas 4.21, com a ressalva de que a passagem foi lida parcialmente, já que “[...] O dia da vingança do Senhor [...]” ocorrerá apenas por ocasião da segunda vinda do Messias, no período final da história.

Ainda dentro dos livros dos profetas do Antigo Testamento encontramos muitos textos que fazem menção ao Messias e descrevem detalhes de como seria sua manifestação, vida e ministério, desde o nascimento até a morte e ressurreição.

No livro do profeta Jeremias podemos perceber a presença do Messias no capítulo 23.5-6:

[...] "Dias virão", declara o Senhor, em que levantarei para Davi um Renovo justo, um rei que reinará com sabedoria e fará o que é justo e certo na terra. Em seus dias



Judá será salva, Israel viverá em segurança, e este é o nome pelo qual será chamado: O Senhor é a Nossa Justiça. [...] (Nova Versão Internacional, 2016, p. 749).

Em diversas outras passagens bíblicas, o Messias é intitulado como “Renovo”, como em Isaías 4.2, Zacarias 3.8 e em Jeremias 33.15, sendo que muitos estudiosos estão concordes no sentido de que este seria um dos nomes próprios do Messias.

Conforme o ensino de John Ankerberg e John Weldon, citando o erudito luterano Dr. Theodore Laestch, esta profecia é claramente messiânica:

[...] É aquela justiça que o Descendente de Davi, que é o Descendente da Mulher de Gênesis 3.15, busca para a humanidade ferindo a cabeça de Satanás. Como o Servo do Senhor, ele carregou os pecados do homem (Isaías 53.11), os quais o Senhor colocou sobre ele (v.6) que não cometera injustiça (v. 9) e que sofreu todos os castigos que o homem merecia (vv. 5-6). Pelo seu cumprimento vicário, substitutivo, de todas as exigências de justiça obrigatório e punitiva de Deus, ele se tornou ‘justiça nossa’, estabelecendo essa justiça com a norma a ser seguida no seu reino. Desde que essa justiça foi obtida e estabelecida por ele, a quem Deus chama de ‘Senhor da Justiça Nossa’, trata-se de uma justiça, não só prometida no Antigo Testamento, mas, como justiça obtida por Deus, ela é tão eterna quanto o Senhor, retroativa [...] (hb. 9.15). (Weldon, op. cit., 1993, p. 54).

Ainda em Jeremias, podemos citar os textos do capítulo 30.9 “[...] Mas servirão ao Senhor, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhes levantarei [...]” e 33.14-26, sendo este último, todavia, reservado ao futuro reino do Messias, que ocorrerá por ocasião de sua segunda vinda.

Ezequiel também se refere ao Messias como Renovo em seu capítulo 17.22-24:

[...] Assim diz o Senhor DEUS: Também eu tomarei um broto do topo do cedro, e o plantarei; do principal dos seus renovos cortarei o mais tenro, e o plantarei sobre um monte alto e sublime. No monte alto de Israel o plantarei, e produzirá ramos, e dará fruto, e se fará um cedro excelente; e habitarão debaixo dele aves de toda plumagem, à sombra dos seus ramos habitarão. Assim saberão todas as árvores do campo que eu, o Senhor, abati a árvore alta, elevei a árvore baixa, sequei a árvore verde, e fiz reverdecer a árvore seca; eu, o Senhor, o disse, e o fiz [...].

E como o Bom Pastor, em uma texto magnífico da Palavra de Deus:

[...] Porei sobre elas um pastor, o meu servo Davi, e ele cuidará delas; cuidará delas e será o seu pastor. Eu, o Senhor, serei o seu Deus, e o meu servo Davi será o líder no meio delas. Eu, o Senhor, falei. ‘Farei uma aliança de paz com elas e deixarei a terra livre de animais selvagens para que possam, com segurança, viver no deserto e dormir nas florestas. Eu as abençoarei e abençoarei os lugares em torno da minha colina. Na estação própria farei descer chuva; haverá chuvas de bênçãos. As árvores do campo produzirão o seu fruto, e a terra produzirá a sua safra; o povo estará seguro na terra. Eles saberão que eu sou o Senhor, quando eu quebrar as cangas de seu jugo e livrá-los das mãos daqueles que os escravizaram. Eles não serão mais saqueados pelas nações, nem os animais selvagens os devorarão. Viverão em segurança, e ninguém lhes causará medo. Eu lhes darei uma terra famosa por suas



colheitas, e eles não serão mais vítimas de fome na terra nem carregarão a zombaria das nações. Então eles saberão que eu, o Senhor, o seu Deus, estou com eles, e que eles, a nação de Israel, são meu povo, palavra do Soberano Senhor. Vocês, minhas ovelhas, ovelhas da minha pastagem, são o meu povo, e eu sou o Deus de vocês, palavra do Soberano Senhor [...] (Ezequiel 34.23-31, na Nova Versão Internacional, 2016, p. 826).

A conhecida mensagem de Ezequiel 37 também nos traz interpretações messiânicas, pois a tão esperada unificação completa da nação de Israel, profetizada nesta passagem somente será possível por ocasião do reinado do Messias.

Passando aos profetas menores, não podemos deixar de citar Miquéias, que trouxe vários detalhes acerca do ungido que haveria de vir como resgatador do seu povo. Inclusive coube a este profeta, no século VIII antes de Cristo a tarefa de indicar o local de nascimento do Messias. No capítulo 5.2 de seu livro, Deus diz através da boca do profeta: “[...] E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 889).

Oportuno esclarecer que em Israel havia duas cidades com o nome “Belém”, uma na Galileia e outra na Judéia, sendo esta última chamada de “Belém-Efrata” para que fosse diferenciada da primeira. O Messias então, deveria nascer em Belém, da Judeia, para que se cumprisse a palavra do profeta Miquéias.

O caráter messiânico desta profecia é amplamente aceito pelos judeus, conhecida, inclusive, pelos sacerdotes e escribas dos tempos do rei Herodes que, conforme podemos conferir nos Evangelhos de Mateus 2.4-6 e João 7.42, conheciam a tradição de que o libertador de Israel deveria nascer em Belém.

No livro do profeta Zacarias encontramos diversos textos relacionados à pessoa do Messias prometido por Deus, chamando a atenção para a riqueza de detalhes que posteriormente seriam cumpridos na crucificação. Este livro, inclusive, oferece evidências de que o Messias judeu não seria apenas um homem, mas a encarnação do próprio Deus, o que podemos verificar claramente no capítulo 2, versículo 10: “[...] Canta e rejubila-te, ó filha de Sião; pois Eu venho e habitarei no meio de ti! [...]” *Garante o SENHOR*” (Versão King James, 2012, p. 611).

No referido livro encontramos ainda, o impressionante texto do capítulo 12, versículo 10, escrito 500 anos antes de Cristo, onde lemos:

[...] Mas derramarei sobre toda a família de Davi e sobre todos os habitantes de Jerusalém um espírito de ação de graças e de oração. Eis que eles olharão para a



minha pessoa, aquele a quem eles mesmos traspassaram, e prantearão e se lamentarão por ele como quem chora a perda de um filho único; e verterão lágrimas de enorme amargura por ele, como quem chora a morte do primogênito! [...] (Versão King James, 2012, p. 615).

O contexto desta passagem refere-se a um tempo futuro, em que Deus promete restaurar Israel, ocasião em que esta nação chorará e lamentará muito ao reconhecer que não apenas rejeitaram o Messias, mas que também o traspassaram, ou seja, mataram o próprio Deus, na pessoa de um Salvador com a natureza divina, mas que viveu nesta terra em carne. O pesar será tão grande como se chorassem a morte de um filho querido.

A figura de um Messias divino, que seria o Renovo de Israel, mas que sofreria até o limite de ser traspassado é a predominante neste livro profético, nos fornecendo subsídios importantes na colheita de dados acerca de sua pessoa, conferindo ainda maior credibilidade ao Novo Testamento, em especial os fatos narrados sobre Jesus pelos diferentes evangelistas.

De todo o exposto verificamos que também os livros históricos e proféticos veterotestamentários nos fornecem dados essenciais acerca da pessoa do Salvador prometido por Deus, cuja autenticidade será posteriormente confrontada com a vida de Jesus.

2.4 Principais profecias nos livros poéticos

Os denominados “Livros Poéticos” que compõe o Antigo Testamento Bíblico são constituídos por Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares ou Cântico dos Cânticos, escritos muitas vezes em uma linguagem, mas nos quais podemos identificar claramente a presença de promessas e referências messiânicas.

Em Jó, a ideia central de uma questão intrigante para a humanidade até os dias de hoje, ou seja, o porquê do sofrimento de um justo, traz à tona a necessidade de um redentor, intercessor, um advogado ou mediador na condição do homem para com Deus, restando evidente nas palavras do patriarca que ele ansiava por alguém que pudesse ser esta ponte entre ele e o Criador, o que podemos examinar em Jó 16.20-21: *“O meu intercessor é meu amigo, quando diante de Deus correm lágrimas dos meus olhos; ele defende a causa do homem perante Deus, como quem defende a causa do amigo”*, até que pôde concluir em Jó 19.25: *“Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra* (Nova Versão Internacional).

Também em Salmos, podemos identificar que os escritores, divinamente inspirados, ao compor seus cânticos e poemas de louvor e dedicação ao Senhor, vislumbraram planos deste



mesmo Deus e Senhor, para estabelecimento de um reino futuro e eterno, que somente poderia se concretizar na pessoa do Messias prometido.

O Salmo 2 é um dos denominados salmos reais, antecipando o pleno estabelecimento do reino do Filho de Deus. Trata-se de um poema que encoraja o povo a confiar em Deus e a aguardar um tempo em que todos os inimigos deste serão julgados e a justiça estabelecida. Os versos 6-7, inclusive, podem ser relacionados com aliança davídica, principalmente na promessa de Deus a Davi: “[...] Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho [...]” (2 Sm 7.14).

Dentre outras as canções de realeza, podemos citar o Salmo 45, atribuído aos filhos de Corá e dirigido ao rei davídico, sendo que nos versos 6-7, percebemos que o salmista parece estar olhando para além do rei davídico daquele tempo: *“O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de justiça é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, escolheu-te dentre os teus companheiros unguendo-te com óleo de alegria”* (Nova Versão Internacional).

O Salmo 110, cuja autoria é atribuída a Davi, por sua vez, é considerado um texto messiânico riquíssimo, sendo um dos mais frequentemente citados em todo o Novo Testamento, encontrando referências do mesmo em Mt. 22.44 e 26.64; Lc. 20.42–44; At. 2.34-35; Rm. 8.34; 1Co. 15.25, dentre outras.

Essas observações são importantes pelo que nos esclarecem sobre o rei messiânico. É significativo que Davi se dirija ao rei neste salmo como “meu Senhor”, ou seja, o próprio Davi expressa submissão ao rei que deve sentar-se à direita de Deus, o que nos permite concluir que autoridade deste rei é maior que a dele mesmo, e provém de Deus, que promete estender seu governo colocando todos os seus inimigos debaixo dos seus pés (conforme lemos em Sl. 2.8–9).

Podemos concluir, portanto, que as Escrituras veterotestamentárias, comprovadamente escritas centenas de anos antes do nascimento de Jesus são ricas e detalhistas nas referências atribuídas ao Messias, não sendo demais mencionar que nada que está contido no texto sagrado é por acaso, mas possui objetivos claros, de modo que as características e fatos anunciados de antemão na Antiga Aliança são subsídios indispensáveis para a identificação do Messias que, conforme veremos no próximo capítulo, se cumpre na pessoa de Jesus, o Cristo anunciado, proclamado e revelado sob a égide da Nova Aliança.



3. O MINISTÉRIO TERRENO DE JESUS E O CUMPRIMENTO DE PROFECIAS MESSIÂNICAS NA SUA PESSOA

3.1 O ministério terreno de Jesus

Embora Jesus, como segunda pessoa da Trindade, estivesse presente desde “o princípio”, participando integralmente da criação, conforme já destacado alhures, seu ministério terreno teve início com sua encarnação, ou seja, quando ele se manifestou em um corpo humano. Segundo o texto neotestamentário de Mateus, Jesus foi gerado por uma mulher virgem por meio do Espírito Santo (Mateus 1.18). Os estudiosos, em geral, dividem o ministério de Jesus em duas partes: sua humilhação e sua exaltação, sendo que a exaltação ainda está ocorrendo e continuará pela eternidade.

É importante também salientar acerca de Jesus, que as escrituras neotestamentárias se preocupam em demonstrar e descrever sua genealogia, sendo que o evangelista Mateus registra-a a partir de Abraão (o patriarca escolhido por Deus como descendência separada, da qual viria o Messias), até Jesus. Nesta descrição, traz registro específico da tribo de Judá e da família de Davi, comprovando as escrituras neste sentido. Referido evangelista aponta, ainda, que foram catorze gerações de Abraão a Davi; catorze de Davi até o exílio e catorze do exílio até Jesus.

Já o evangelista Lucas apresenta uma genealogia, a partir de José (pai de criação de Jesus) até Adão, considerando filho de Deus, também registrando a tribo de Judá e família de Davi, das quais, segundo as profecias, descenderia o Messias. Assim, não é difícil perceber que as genealogias bíblicas não são meros registros cansativos, mas possuem propósito específico de identificar a descendência previamente conhecida do Messias.

Por outro lado, a ideia de compreender o ofício de Jesus, primeiramente em sua humilhação, não é tão somente relativa à sua origem terrestre modesta, mas também do que foi necessário abdicar para manifestar, em sua encarnação, a figura servil e viver como ser humano, já que, desde o princípio, estava com Deus e era Deus, conforme resta evidente do relato do evangelista João 1.1-3: “[...] No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez [...]” (Almeida Corrigida Fiel).

Refutando a perspectiva judaica de que o Messias prometido encarnaria em lugar nobre, a Bíblia relata que isso ocorreria de maneira humilde na pequena cidade de Belém,



conforme texto já examinado no capítulo antecedente, no livro do profeta Miquéias (Mq. 5.2). Posteriormente, de acordo com a Lei, Jesus foi circuncidado ao oitavo dia de vida e consagrado no Templo em Jerusalém como vemos na passagem de Lucas 2.21, 22 [...] Completando-se os oito dias para a circuncisão do menino, foi-lhe posto o nome de Jesus, o qual lhe tinha sido dado pelo anjo antes de ele nascer. Completando-se o tempo da purificação deles, de acordo com a Lei de Moisés, José e Maria o levaram a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor [...] (Nova Versão Internacional, 2016, p. 982-983), cumprindo tudo o que as escrituras judaicas exigiam em termos rituais.

Posteriormente, Herodes decretou que matassem todos os recém-nascidos, do sexo masculino, em Belém. Em razão deste decreto, a família de Jesus imigrou para o Egito por um certo período de tempo, após a aparição de um anjo a José, orientando-o neste sentido, tudo no intuito de preservação da vida de Jesus. Contudo não encontramos na Bíblia mais detalhes sobre a infância, adolescência e juventude do menino.

O livro de Lucas em seu segundo capítulo, no versículo 52 traz apenas um vislumbre desse período afirmando que ele cresceu em sabedoria, estatura e graça. O único acontecimento pontual narrado nos escritos neotestamentários a sobre sua infância aparece em Lucas 2.42-47:

[...] Quando Jesus completou doze anos, foram à festa, como de costume. Terminada a celebração, partiram de volta para Nazaré, mas Jesus ficou para trás, em Jerusalém, sem que seus pais notassem sua falta. Pensaram que ele estivesse entre os demais viajantes, mas depois de caminharem um dia inteiro começaram a procurá-lo entre os parentes e amigos. Como não o encontravam, voltaram a Jerusalém para procurá-lo. Por fim, depois de três dias, acharam Jesus no templo, sentado entre os mestres da lei, ouvindo-os e fazendo perguntas. Todos que o ouviam se admiravam de seu entendimento e de suas respostas [...] (Nova Versão Transformadora).

Entretanto, também pelos evangelhos, podemos entender que Jesus cresceu como um menino judeu comum ao seu tempo, cumprindo as escrituras, além de ser obediente e sujeito aos pais, conforme podemos observar do texto de Lucas 2.51: “[...] Então foi com eles para Nazaré, e era-lhes obediente. Sua mãe, porém, guardava todas essas coisas em seu coração. Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens [...]” (Nova Versão Internacional, 2016, p. 983).

Após essas breves informações da infância e adolescência de Jesus, o Novo Testamento já começa a narrar seu batismo em águas por seu precursor, João Batista, realizado “para cumprir toda a justiça”, conforme texto do evangelista Mateus registrado no capítulo 3, versículo 15.



Sendo assim, textos neotestamentários registram o princípio de seu ministério no tempo em que Jesus já se achava na idade adulta, quando tinha por volta de trinta anos de idade. Em observância aos Evangelhos, em especial o de João, notamos que o ministério público do Messias durou apenas cerca de três anos, tendo como marco seu batismo no rio Jordão, realizado por João Batista, conforme já destacado acima. Aliás, os evangelhos sinóticos são unânimes em relatar que, após o batismo de Jesus, ouviu-se uma voz do céu que disse: “[...] Esse é meu filho amado, em quem me comprazo [...]”, conforme lemos em Mateus 3.17 (Almeida Revista e atualizada) e também em Marcos 1.11; Lucas 3.22.

Segundo o livro de Mateus no capítulo quarto, após a realização do batismo, Jesus foi levado ao deserto pelo Espírito Santo, onde foi tentado pelo diabo, todavia venceu todas as tentações pelo poder da Palavra. A partir dessa narrativa, os Evangelhos relatam as curas, milagres, expulsão de demônios, domínio sobre as forças da natureza, a ressurreição de mortos e, por fim, sua morte e ressurreição.

Todas essas obras serviram para testemunhar que Ele era o Filho de Deus e dar veracidade à mensagem da salvação. Peremptoriamente, o ministério de Jesus expandiu-se da Galileia à Judeia e até Samaria. Já na conclusão de seu ministério, pouco antes da crucificação ele permaneceu na cidade de Jerusalém, onde foi traído por um de seus discípulos (que o “vendeu” por trinta moedas de prata), preso, condenado à morte na cruz.

Cabe salientar que esse tipo de morte, era a mais vexatória que alguém podia sofrer nesse período, sendo aplicada apenas para escravos ou para os piores criminosos. A crucificação é o ápice da parte descrita como humilhação durante seu ministério; ao passo que sua ressurreição, foi o início de sua exaltação, que antecedeu sua ascensão ao céu.

Desse modo, sua crucificação não marca o fim de seu ministério, visto que ele venceu a morte. Retomando a afirmação inicial, ressaltamos que o ministério do Messias perdura até hoje e terá seu ápice por ocasião de sua segunda vinda à terra. Todavia, segundo as escrituras, seu Reino será eterno, ou seja, não terá fim.

3.2 O cumprimento geral das profecias Messiânicas em Jesus

A palavra “Messias” tem origem hebraica e significa “ungido”, que pode ser definido como alguém que foi especialmente designado para uma missão, função, cargo ou ministério, simbolizando a sua posição especial como líder e salvador. Posteriormente passou a ter novo significado que era “[...] o rei esperado e libertador dos judeus [...]”. Podemos encontrar no



Antigo Testamento mais de 300 profecias sobre o Messias. Essas profecias conhecidas como messiânicas foram cumpridas por meio da vinda de Jesus e encontram-se relatadas no Novo Testamento. Todas elas foram comunicadas por Deus através de distintos profetas, séculos antes do nascimento de Jesus, conforme defendido de forma enfática no capítulo antecedente.

Os judeus sempre aguardaram ansiosamente a vinda do Messias, ou seja, aquele que trará a redenção e o cumprimento das promessas feitas por Deus ao seu povo. De acordo com as crenças judaicas, conforme já destacado alhures, o Messias será um descendente do rei Davi e terá qualidades notáveis, como uma sabedoria extraordinária, poderes de cura e a capacidade de trazer paz duradoura ao mundo, em sua perspectiva, todavia, o Messias virá para governar o povo judeu, como um poderoso líder político. Ele reconstruirá o Templo de Jerusalém (que fora primeiramente construído por Salomão, reconstruído por Zorobabel e seus companheiros, no período pós exílio babilônico e também reformado durante o Império Romano, por Herodes, mas que fora destruído no ano 70 d.c pelo general Tito), reunirá o povo judeu em Israel e restaurará a soberania judaica na Terra Prometida, soberania esta que hoje ainda não é plena, apesar da criação do Estado de Israel em 1947, pois os judeus “dividem” o território que consideram sagrado com Palestinos.

Talvez em razão disso, ou seja, porque ainda não ocorreu a reconstrução do templo e a restauração completa da soberania de Israel é que, para muitos judeus, o Messias ainda não chegou, ou seja, não creem em Jesus como Messias, porque não compreendem que parte da profecia acerca deste mesmo Salvador ainda irá acontecer, pois, conforme já destacado neste estudo, a exaltação de Jesus como rei eterno sobre Israel e toda a terra está reservada para sua segunda vinda, sendo assunto escatológico. Importante destacar que, acerca da reconstrução do templo, há um grande obstáculo a ser superado pelos judeus, pois no mesmo lugar, os muçulmanos construíram a Mesquita Al Aqsa.

Cabe ressaltar que a crença no Messias é um dos pilares da fé judaica e cristã, pois embora os judeus ortodoxos não creiam em Jesus como o libertador prometido que já veio ao mundo, acreditam piamente na figura de um Messias, ao qual aguardam com grande expectativa. Assim, que a comprovação, com base nos escritos veterotestamentários, de que Jesus é exatamente essa pessoa, torna-se de extrema importância no campo teológico, sendo que, nesta seção iremos evidenciar algumas dessas profecias que foram cumpridas por Jesus em seu nascimento, sua vida, morte e ressurreição e que trazem veracidade e credibilidade à ideia de que Jesus é o Messias prometido.



Iniciando pelas profecias do Pentateuco, vamos analisar o texto de Gênesis 3.15, cujas características messiânicas já foram demonstradas no capítulo antecedente. A passagem está assim transcrita: “[...] Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar [...]” (Nova Versão Internacional).

A análise do conceito de Jesus como a semente da mulher que venceria a serpente é baseada em uma interpretação teológica do livro bíblico de Gênesis. Neste trecho, após a queda do homem no pecado, Deus pronuncia uma maldição sobre a serpente, que simboliza Satanás, e faz uma profecia sobre a vitória final sobre o mal.

A descrição de Jesus como a semente da mulher implica que ele seria concebido e nasceria de uma mulher, mas não de uma relação sexual com um homem. Essa concepção virginal é uma das crenças fundamentais do Cristianismo. De acordo com a tradição cristã, Jesus é o filho de Deus, concebido pelo Espírito Santo na Virgem Maria.

A referência à vitória sobre a serpente enfatiza a derrota final de Satanás e do mal por meio da obra redentora de Jesus. Essa vitória é considerada a conquista da salvação e restauração da relação do ser humano com Deus. Jesus, ao morrer e ressuscitar, derrotou o poder do pecado e da morte, oferecendo a possibilidade de redenção e vida eterna para aqueles que creem nele, cumprindo, assim, as promessas de Deus feitas no Antigo Testamento.

Acerca deste texto, John Ankerberg e John Weldon, na obra “*Os Fatos Sobre Jesus, O Messias*” destacam:

[...] O sucesso de Satanás em enganar Adão e Eva resultou na separação espiritual deles de Deus (Gn 3.8, 21-24). E Satanás vai continuar enganando e destruindo os descendentes da mulher e de toda a humanidade (Ap 12.9; 20.2,3). Todavia, no futuro, Deus promete um descendente da mulher que irá esmagar e derrotar Satanás e a sua descendência. Não é essa a mensagem do Evangelho? Jesus não disse que viera para dar Sua vida como resgate por muitos e para destruir as obras de Satanás (Mt. 20.28; Jo. 12.31; 16.11), proclamar libertação aos cativos, e por em liberdade os oprimidos (Lc. 4.18)? Em outras palavras, esse texto e Gênesis 3 já está falando de Jesus, o Salvador, que viria para impedir as obras destrutivas de Satanás sobre a humanidade.

Por outro lado, não é difícil perceber que Jesus adveio da semente da mulher (foi gerado no ventre e nasceu da virgem Maria), sendo descendente de Abraão, Isaque e Jacó, de acordo com as promessas realizadas em Gênesis 12.2-3 e reproduzidas no mesmo livro em 22.18, conforme genealogia descrita nos evangelhos de Mateus e Lucas, também já destacados neste capítulo, de modo que cumpre perfeitamente a primeira profecia messiânica.



Cumpridas, portanto, na pessoa de Jesus, tanto a profecia de Gênesis 3.15, como do mesmo livro, no capítulo 12, versículos 2 e 3, já que Jesus foi o descendente da mulher, concebido sem contato físico, de forma sobrenatural, pelo poder do Espírito Santo, mas que, humanamente, adveio da linhagem de Abrão, Isaque e Jacó.

Avançando para o livro de Deuteronômio, temos a importante profecia de Moisés no capítulo 18.15: “[...] O Senhor, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um profeta como eu; ouçam-no [...]” e 18: “[...] Levantarei do meio dos seus irmãos um profeta como você; porei minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar [...]” (Nova Versão Internacional).

Como se sabe, Moisés é considerado o maior profeta dentro do judaísmo, conforme resta claro em Deuteronômio 34.10, aquele com quem Deus falava “face a face”, bem como para quem revelou a Lei (Torah), além do projeto do Tabernáculo (local de encontro de Deus com o seu povo). Moisés também foi aquele que Deus escolheu para libertar seu povo da escravidão do Egito, realizando grandes sinais e prodígios à vista de todos os israelitas e egípcios. Em suma: um ser humano singular em seu relacionamento com Deus, de modo que torna-se fácil perceber a extrema importância de uma predição realizada pelo referido líder israelita.

Ao final de quarenta anos de peregrinação pelo deserto, Deus revelou mais uma profecia messiânica ao povo, através de Moisés, que anunciou um profeta que se levantaria (no futuro) no meio deles e que seria semelhante a ele mesmo (Moisés). Importante notar que esta predição está no singular, deixando claro que se tratava de uma pessoa com especial importância e não apenas mais um profeta, vale dizer: a intenção era colocar uma pessoa no centro da profecia.

Os versículos em referência, anunciados por Moisés, estão assim registrados nas Escrituras: Deuteronômio 18.15: “[...] O Senhor, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um profeta como eu; ouçam-no [...]” e 18: “[...] Levantarei do meio dos seus irmãos um profeta como você; porei minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar [...]” (Nova Versão Internacional).

Ocorre que nenhum dos profetas que vieram depois de Moisés era semelhante ou poderia se equiparar a ele, tanto que em Deuteronômio 31.10-12 há a seguinte afirmativa:

[...] E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Senhor conhecera face a face; Nem semelhante em todos os sinais e maravilhas, que o Senhor o enviou para fazer na terra do Egito, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra. E em toda a mão forte, e em todo o grande espanto, que praticou Moisés aos olhos de todo o Israel [...] (Almeida Corrigida Fiel).



Segundo o ensino de Walter C. Kaiser Júnior: “[...] Todos os outros profetas, em algum aspecto vital, perdem algo que Moisés tinha por causa de seu relacionamento único com Deus. Nesse aspecto, portanto, a promessa para Moisés serviu para uni-lo com o Messias por vir [...]”.

Desde então, esta promessa sempre foi aguardada pelos israelitas, sendo certo que, até nos tempos de Jesus, era unanimidade entre o povo e os estudiosos da lei que esse profeta anunciado ainda não havia vindo ao mundo, tanto que questionaram a João Batista, quando do início de seu ministério, se ele seria o profeta, conforme texto do evangelho de João 1.21, além das palavras da mulher samaritana, que também aguardava o Messias que haveria de salvar seu povo (João 4. 25, 26).

As semelhanças entre Jesus e Moisés, por sua vez, são muito claras, podendo citar que ambos tiveram a vida ameaçada na infância (Moisés pela determinação de faraó e Jesus pelo decreto de Herodes); foram rejeitados por diversas vezes pelo seu próprio povo; Moisés deu a lei de Deus, revelada no Monte Sinai e Jesus, através do sermão do Monte (das Oliveiras), ressignificou os mandamentos àqueles que pretendem alcançar o Reino dos céus; além do fato de ambos terem operado milagres e maravilhas.

Acerca dos milagres realizados por intermédio de Moisés, podemos citar as dez pragas enviadas sobre o Egito e a abertura do Mar Vermelho (Êxodo 7-14). Quanto a Jesus, inenarráveis são todas as obras sobrenaturais por Ele realizadas, sendo incontáveis curas; multiplicação de pães e peixes; acalmar o mar, vento e tempestades; andar sobre as águas e até mesmo ressuscitar mortos.

Desta forma, são muitas as provas de que Jesus era o profeta semelhante a Moisés que viria ao mundo, sendo também unanimidade que o referido profeta era considerado pelos israelitas como seu Messias prometido, o ungido de Deus que viria libertar o povo e reinar sobre eles.

Este fato parece ter sido perfeitamente entendido por alguns judeus do primeiro século, pois exclamaram após o milagre da multiplicação em João 6.14 que aquele certamente era o “profeta” que devia vir ao mundo, bem como em João 7.40, ao ouvir Jesus ensinar na Festa dos Tabernáculos.

Também Filipe anunciou a Natanael em João 1.45: “[...] *Achamos aquele sobre quem Moisés escreveu na Lei, e a respeito de quem os profetas também escreveram: Jesus de Nazaré, filho de José [...]*” (Nova Versão Internacional).



O próprio Jesus sempre deixou muito claro em seu ministério terreno que não falava nada dele mesmo, mas apenas aquilo que o Pai lhe ordenara (João 5.19; 12.49; João 14.10), confirmando a parte final do texto de Deuteronômio 18.18 “[...] e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar [...]”.

O apóstolo Pedro ao pregar no templo, após a cura de um paralítico que ali pedia esmolas também confirmou que a profecia de Moisés se cumprira em Jesus, conforme lemos em Atos 3.21, 22:

[...] O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio. Porque Moisés disse aos pais: O Senhor vosso Deus levantará de entre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser [...] (Almeida Corrigida Fiel).

Estevão fez essa mesma conexão entre esse profeta e Jesus, em Atos 7.37). Podemos concluir, portanto, que a profecia messiânica contida em Deuteronômio 18.15 e 18 também se cumprem plenamente em Jesus, que reúne em si todas as características do profeta anunciado por Moisés mais de 1400 anos antes, o que foi reconhecido por diversos judeus e gentios, tanto contemporâneos a Cristo, como os que se converteram ao longo da história. Também a promessa feita a Davi em 2 Samuel 7.16 se cumpre em Jesus.

Realizada em um contexto, no qual o rei Davi intentava construir um templo em louvor ao nome de Deus, esta promessa vem assim proferida, através da boca do profeta Natã: “[...] Quanto a você, sua dinastia e seu reino permanecerão para sempre diante de mim; o seu trono será estabelecido para sempre [...]” (Nova Versão Internacional).

As Escrituras sempre foram muito claras no sentido de que o Messias esperado haveria de vir da descendência do rei Davi, da tribo de Judá, conforme já defendido amplamente no presente estudo. Todavia, devido aos exílios e cativos do povo de Israel, esse poder real parecia ter se perdido, a promessa de uma dinastia eterna na casa de Davi parecia ter fracassado.

Entretanto, com o nascimento de Jesus, cuja descendência davídica vem comprovada tanto pela genealogia paterna, como materna (conforme evangelhos de Lucas e Mateus), parecia ter havido uma restauração da promessa. Durante seu ministério terreno, Jesus foi chamado muitas vezes de “Filho de Davi” (Mateus 9:27; 15:22; 20:30; 21:15).

Uma das declarações mais conhecidas nesse sentido foi a do cego de Jericó, ao clamar: “[...] Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim [...]” (Marcos 10:47,48), além da passagem da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, quando a multidão gritava: “[...] Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas [...]”



(Mateus 21:9). Ao referirem-se a Jesus como “Filho de Davi” neste contexto, era como se as pessoas estivessem admitindo a messianidade do mesmo.

Conforme ensinamento de Michael Kleine, no site “Luteranos”³:

[...] A promessa de Deus aponta para o futuro. Ao comprometer-se com a casa de Davi “para sempre”, Deus mostra que o caminho dele com o povo ainda não chegou ao fim. A estabilidade e a segurança no presente (v. 1) ainda não são o objetivo final. O caminho é longo. Todos esses aspectos se concretizam e se realizam na encarnação de Deus em Jesus Cristo. Aqui Deus mostra sua fidelidade em relação ao povo no cumprimento da promessa (Lc 1.32s). Mas também mostra que ele permanece o mesmo desde os tempos mais remotos em que selou seu compromisso com o povo de Israel [...].

Walter C. Kaiser Júnior realiza uma excelente análise acerca da progressividade do cumprimento das profecias bíblicas do Antigo Testamento ao longo da história humana, incluindo esta promessa feita a Davi em 2 Samuel 7.16:

[...] Assim, passamos para ‘o descendente dela [da mulher]’, que será vitorioso sobre Satanás, para a descendência ‘de Abraão’, que será uma bênção para toda a terra, para a descendência ‘de Davi’ que terá um governo que nunca terminará [...].

Esse último avanço sobre a natureza orgânica do plano da promessa messiânica de Deus é tão relevante que merece o exame de dois comentários sobre esse aspecto da promessa (Salmo 89 e 132).

Como evidência do cumprimento desta promessa em Jesus, vemos que o anjo Gabriel, ao anunciar a Maria, mãe de Jesus, que ela ficaria grávida assevera no Evangelho de Lucas 1.32, 33 que “[...] O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim [...]” (Nova Versão Internacional).

Importante destacar que o reinado eterno de Jesus se cumpre, não apenas em sua ressurreição, mas também se tornará literal quando da sua segunda vinda, anunciada em textos bíblicos escatológicos, tanto do Antigo, como do Novo Testamento. Plenamente demonstrado, portanto, o cumprimento da profecia veterotestamentária de um reinado eterno a Davi, através de pessoa de Jesus.

Para fechar a visão acerca desta promessa realizada a Davi, solicitamos a vênha de citar mais uma vez o magistério de Walter Kaiser Júnior (2021) que, de modo irrepreensível conclui:

[...] Tudo o que Deus falou para Davi é garantido e certo: depende apenas de Deus, e absolutamente nada de Davi, de sua família ou da nação. Cada ponto mencionado virá de fato a acontecer; é uma aliança unilateral em que Deus se obriga a realizar

³ Disponível em: < <https://www.luteranos.com.br/textos/2-samuel-7-1-11-16>>. Acesso em 13 set. 2023.



totalmente suas promessas, sem condição nem obrigações bilaterais. É uma aliança eterna [...]. (Kaiser Junior, op, cit., p. 77),

Prosseguindo com o cumprimento das profecias gerais espalhadas no Antigo Testamento acerca do Messias, não poderíamos deixar de mencionar o profeta Isaías, conhecido como o profeta messiânico por excelência, pois em seu ministério difundiu mais do que qualquer outro, profecias relacionadas ao ungido prometido por Deus. O livro bíblico que leva seu nome encontra-se permeado de passagens relacionadas ao tema messiânico, conforme vimos no capítulo antecedente.

Cumpre-nos frisar agora como os textos encaixam-se perfeitamente na pessoa de Jesus, sendo, inclusive, por este testificado expressamente, conforme Lucas 4.21, além de muitas outras menções nos evangelhos que retratam o fiel cumprimento das profecias na pessoa do Mestre Jesus.

Verificamos, por exemplo, que Isaías profetizou que a região norte de Israel (Zebulom e Naftali), conhecida como Galileia, antes desprezada, seria honrada, conforme texto de seu livro, no capítulo 9.1: “[...] Mas a terra, que foi angustiada, não será entenebrecida; envileceu nos primeiros tempos, a terra de Zebulom, e a terra de Naftali; mas nos últimos tempos a enobreceu junto ao caminho do mar, além do Jordão, na Galileia das nações [...]” (Almeida Corrigida e Fiel), sendo este justamente o local onde Jesus exerceu a maior parte de seu ministério.

O evangelista Mateus cita expressamente esta passagem para comprovar sua efetivação em Jesus, no capítulo 4.13-16:

[...] E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali; Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, que diz: A terra de Zebulom, e a terra de Naftali, Junto ao caminho do mar, além do Jordão, A Galileia das nações; O povo, que estava assentado em trevas, Viu uma grande luz; aos que estavam assentados na região e sombra da morte, a luz raiou [...] (Almeida Corrigida e Fiel).

Isaías também anunciou que o Messias realizaria grandes milagres, curando cegos, surdos, mudos e coxos (Isaías 35.5-6), sendo inquestionável que Jesus, em sua passagem terrena, além de pregar o Evangelho de arrependimento, curou muitos enfermos, acometidos das mais diversas doenças (Lucas 4.40), como cegos de nascença (João 9.7), leprosos (Mateus 8.1-4; Marcos 1.40-42; Lucas 17.11-19), surdos (Marcos 7.32-37), mudos (Mateus 9.32-33), possesos (Lucas 4.31-36; Mateus 17.14-18; Marcos 9.17-29; Lucas 9.38-43), paralítico (João



5.1-9), atrofias (Mateus 12.10-13; Marcos 3.1-5; Lucas 6.6-10), entre muitas outras, chegando até a ressuscitar mortos.

Neste ponto, é oportuno apontar que a crença judaica sustenta a existência de três milagres messiânicos, ou seja, que deveriam necessariamente ser realizados pelo ungido de Deus: a cura de um leproso judeu; a expulsão de um demônio mudo e a cura de um cego de nascença. Jesus realizou todas essas curas e sinais, conforme apontamos nas passagens citadas acima, narradas pelos quatro evangelistas, mas os principais dos judeus não creram, porque Jesus não representava o “ideal” do Messias por eles aguardados, que deveria ser um líder político.

Todavia, entre as profecias messiânicas de Isaías, certamente a mais difundida e conhecida é acerca do servo sofredor, anunciada ao longo dos capítulos 52 e 53 do seu livro.

E de que forma podemos entender que elas também se cumpriram na pessoa de Jesus? Na verdade, a própria vida e trajetória terrena dele definem as características de um servo, pois estava sempre prestando um “serviço” a favor de todos, não apenas realizando curas, maravilhas e milagres, mas chegando a lavar os pés de seus discípulos, conforme narrativa de João, capítulo 13.

A parte do sofrimento é ainda mais potente, quando lembramos do injusto julgamento, da condenação, dos açoites, zombarias e da própria crucificação, que serão melhor analisadas em item próprio, em razão das grandes particularidades deste momento da vida de Jesus. O fato é que Jesus cumpre plenamente a profecia de Isaías acerca da missão servil, da humildade e dos sofrimentos a que seria submetido o messias, em um sacrifício substitutivo ao homem pecador.

Outra evidência de que o texto refere-se a Jesus está no Livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 8, em que lemos um relato interessante do médico Lucas acerca de um homem identificado como oficial da rainha Candace, dos etíopes que, enquanto viajava em sua carruagem, lia o profeta Isaías. Filipe, um dos seguidores de Jesus é enviado por Deus a este homem e passa a explicar-lhe o texto, atribuindo a Jesus a identidade do servo sofredor descrito em Isaías.

Quando lemos em Isaías que “[...] ele foi ferido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas maldades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e por seus ferimentos fomos sarados [...]” e voltamos nossos olhos para os evangelhos, identificando o que Jesus enfrentou, como afrontas, humilhações, injustiças, calúnias, até a



coroa de espinhos, culminando com a crucificação; não há como negar que Jesus cumpre plenamente a profecia.

A este respeito, bem analisa Luciano Peterlevitz, em seu artigo científico sobre o “Servo Sofredor”, neste trecho referindo-se ao capítulo 53 do profeta Isaías:

[...] Se no v. 4 o Servo carrega sobre Si o sofrimento da comunidade, o v.5 explicitará que sua morte substitutiva não ocorre somente para suportar as dores do seu povo, mas, principalmente, para proporcionar o perdão dos pecados para ele. No TM/Texto Massorético, a forma verbal meholal “foi transpassado” é o poal participio de halal “profanar”. Segundo a BHS, provavelmente trata-se de mehullal “profanado”, corroborado por Aquila e pelo Targum. No poal, grau em que se encontra o verbo hebraico, o sentido é de “ser ferido” (Strong’s Hebrew), e a raiz halal alude ao perfurar do corpo com um instrumento afiado (Is 51.9; Sl 109.22). Trata-se, pois, de uma morte violenta (Is 22.2; 66.16), resultante de uma perfuração. É impossível não identificar aqui aquilo que é descrito por Mateus 27.35: ‘Depois de o crucificarem, repartiram entre si as suas vestes, tirando a sorte’. O verbo grego utilizado por Mateus para ‘crucificar’ é “stauroo”, que significa ‘fixar’ ou ‘fincar com estacas’. A palavra ‘cruz’ literalmente significa ‘estaca’, porque originalmente, no antigo Israel, era uma estaca usada em fortificações, e depois passou a ser usada como instrumento de tortura e morte. Num período posterior, possivelmente na época dos romanos, adicionou-se uma travessa horizontal (patibulum), na qual a pessoa era amarrada ou cravada. Notadamente o texto isaiano já antevia a crucificação do Messias, exatamente nos termos em que é descrita no NT [...]. (Peterlevitz, 2018, op. cit., p. 5).

No mesmo estudo, o referido autor, que é mestre e doutor em ciências da Religião, além de professor de Teologia, conclui:

[...] As palavras de Isaías 52.13-53.12 são impressionantes. Nitidamente descrevem a humilhação, a condenação, a morte e a ressurreição de um homem. É praticamente impossível não ver essas palavras se cumprindo literalmente no Cristo apresentado no NT. Até parece que as palavras de Isaías foram escritas aos pés do Gólgota. Portanto, a pergunta do eunuco, ‘a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?’ (At 8.34), foi suficientemente respondida por Felipe: refere-se a Cristo (At 8.35) [...]. (Peterlevitz, 2018, op. cit., p. 8).

Destarte, podemos concluir que a mais conhecida e proeminente profecia messiânica do Antigo Testamento, constituída pelo texto de Isaías, nos capítulos 52 e 53 são plenamente aplicáveis à pessoa de Jesus.

Dentre os livros poéticos, também podemos identificar que o Salmo 2 é uma descrição do rei messiânico, não sendo por acaso que o Novo Testamento aplica este Salmo à pessoa de Jesus, tanto na perspectiva do ministério terreno, quanto na perspectiva futura, quando este governante implantará seu reino na terra.

Para corroborar com esta ideia, podemos citar o texto de Mateus 3.17, onde a expressão “este é meu filho amado” faz referência ao Salmo 2.7. No livro de Atos 4.25-26



“[...] *Tu falaste pelo Espírito Santo por boca do teu servo, nosso pai Davi: Por que se enfurecem as nações, e os povos conspiram em vão? Os reis da terra se levantam, e os governantes se reúnem contra o Senhor e contra o seu Ungido [...]*”, Lucas cita os versículos de Salmos 2.1-2 e aplica a perseguição realizada por Herodes naquela época, a Jesus, fazendo um claro liame entre o rei messiânico de Salmos 2, com Jesus, perseguido em seu tempo.

Vejamos a continuação do texto em Atos 4.26: “[...]De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com os povos de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste [...]” (Nova Versão Internacional).

Ainda em Hebreus 1.5 “[...] *Pois a qual dos anjos Deus alguma vez disse: ‘Tu és meu Filho; eu hoje te gerei?’[...] E outra vez: ‘[...] Eu serei seu Pai, e ele será meu Filho? [...]*” e Hebreus 5.5: “[...] *Da mesma forma, Cristo não tomou para si a glória de se tornar sumo sacerdote, mas Deus lhe disse: Tu és meu Filho; eu hoje te gerei [...]*” vemos paralelos bem claros das passagens do Salmo 2, ou seja, Jesus é filho gerado por Deus.

Ainda no Livro de Salmos, interessantes e muito oportunas as observações de Walter C. Kaiser Júnior acerca das palavras de Davi no Salmo 89.26-27:

[...] Deus prometeu considerar o filho de Davi como seu próprio “primogênito”. O termo “primogênito” é em si mesmo messiânico, pois não indica o filho que nasceu primeiro na ordem cronológica, mas aquele que é o primeiro em proeminência, primeiro na classificação e primeiro no privilégio. Observe como Jacó (ou seja, Israel) é chamado “primeiro filho” de Deus (Êx 4.22), embora Esaú tenha saído do ventre da mãe como o primeiro dos gêmeos. Também Efraim é chamado “filho mais velho” (Jr 31.9), embora Manassés, seu irmão, fosse mais velho. É por isso também que Cristo, em Colossenses 1.15, é chamado ‘o primogênito sobre toda a criação’, e porque Hebreus 1.6 usa o mesmo termo para designar Jesus em seu comentário de que Deus introduz seu ‘Primogênito [Cristo] no mundo’. Ao mesmo tempo, a ideia do coletivo singular não está distante desse termo técnico, pois Hebreus 12.23 trata a igreja toda de cristãos como a “igreja dos primogênitos”. Como a “semente” inclui todos os que creem e também aquele que representa todos eles, também o ‘primogênito’ lidera o corpo todo dos ‘primogênitos’.

Após a compreensão de que as profecias estudadas no Antigo Testamento, desde o Pentateuco até os livros proféticos se cumpriram na pessoa de Jesus, é importante analisar alguns fatos da vida do mestre, que seguem confirmando as predições messiânicas estruturadas na Velha Aliança, ou seja, escritas muito antes do nascimento de Jesus.

3.3 Da concepção e nascimento do Messias

A concepção virginal de Jesus registrada nos Evangelhos é de grande importância não apenas para a confirmação do texto do profeta Isaías acerca desta questão (Isaías 7.14), como



também para demonstrar que a “genética decaída” que foi transmitida ao ser humano, a partir do pecado original não pesava sobre Jesus.

O Texto veterotestamentário em referência encontra-se em Isaías no capítulo 7 e versículo 14 e diz: “[...] Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel [...]”. Deus usou o profeta Isaías diversas vezes para predizer informações relevantes a respeito da vida do Messias, conforme já analisado no tópico anterior e, nesta passagem específica, podemos correlacionar com o texto de Mateus capítulo primeiro e versículos de 18 a 23. Observemos:

[...] Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Que estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. Então José, seu marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo; E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que diz; Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, E chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, Que traduzido é: Deus conosco [...].

O profeta Isaías recebeu uma revelação da parte de Deus que serviria para auxiliar as pessoas a reconhecerem o Messias na pessoa de Jesus quando Ele viesse à Terra. Por essa razão que Mateus quando se refere ao nascimento afirma que, “[...] Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta [...]”.

A segunda profecia a ser analisada neste capítulo, refere-se ao lugar de nascimento do Messias. Observemos a passagem de Miqueias no capítulo 5 e versículo 2: “[...] Mas tu, Belém-Efrata, embora sejas pequena entre os clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos [...]”. O texto nos mostra claramente que a Miqueias foi revelada a cidade em que nasceria o Messias.

Correlacionando essa citação com a passagem de Mateus capítulo 2.1-5, onde está escrito:

[...] E, tendo nascido Jesus em Belém de Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, e perguntaram: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos a adorá-lo. E o rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se, e toda a Jerusalém, com ele. E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E eles lhe disseram: Em Belém da Judeia [...].

Podemos verificar que a profecia dada a Miqueias se cumpre em Jesus que, conforme se sabe e está registrado nas escrituras neotestamentárias, nasceu em Belém da Judeia.



Outro fato que endossa o cumprimento dessa profecia está no fato de que quando os reis magos pedem informações na corte de Herodes acerca do novo rei recém-nascido, seus conselheiros citam a passagem de Miqueias (Mt 2.6).

Acerca desta questão, Roger Liebe defende em sua obra que a passagem de Miqueias 5.2 sempre foi entendida pelos líderes e pelo povo judeu, no sentido de que o Messias deveria nascer em Belém. Vejamos:

[...] Quando o edomita Herodes, o Grande ficou sabendo que um novo rei havia nascido, reuniu todos os principais sacerdotes e escribas e inquiriu-os sobre o local do nascimento do Messias. Eles responderam: 'Em Belém da Judeia; pois assim escreveu o profeta... (Mt 2.5)'. E não eram apenas os estudiosos que sabiam disso, pois João fala de pessoas simples do povo que diziam: 'Como pode o Cristo vir da Galileia? A Escritura não diz que o Cristo virá da descendência de Davi, da cidade de Belém, onde viveu Davi? [...]' (Jo. 7.41.42). (Liebe, 2018, op. cit. p. 42-43).

Cumprido ainda apontar que, apesar de nascer em Belém, Jesus era conhecido como Nazareno, pois foi criado na pequena cidade de Nazaré, o que também pode ser extraído e interpretado das Escrituras hebraicas, podendo citar, por exemplo, o texto de Isaías 9.1-2.

Sobre este fato, nos esclarece Roger Liebe (2018):

[...] Mas agora faz sentido perguntar por que Jesus nunca foi chamado de 'belemita', mas de 'Nazareno', apesar de ter nascido em Belém da Judeia. As observações a seguir esclarecerão esta situação: quando o terrível e cruel rei Herodes, o Grande ordenou o assassinato dos bebês (cf. Mt 2), José e Maria fugiram com o seu filho para o Egito. Depois da morte de Herodes, eles retornaram e queriam se estabelecer em Belém. No entanto, quando José soube que o governo da Judeia tinha passado para Arquelau, o mais cruel dos filhos de Herodes, o Grande, ficou com medo de voltar para lá. Havia uma boa razão para isso: na verdade, Herodes Antipas, irmão de Arquelau, deveria ter assumido essa posição, mas o pai, em seu acesso de fúria pouco antes de sua morte, resolveu alterar seu testamento, nomeando Arquelau para o cargo de Herodes Antipas. Por essa razão, José, Maria e o menino foram à região da Galileia e ficaram morando em Nazaré. Jesus residiu ali durante cerca de 28 anos. Por isso, foi chamado de 'Jesus de Nazaré' [...]. (Liebe, 2018, op. cit., p. 45).

Vemos, portanto, que todos os detalhes quanto à concepção, nascimento e até mesmo o local de residência do Messias foram cumpridos por Jesus, de modo que, pelas escrituras podemos compreender que ele nasceu em Belém (Miq. 5.2 e Mat. 2.1), foi chamado do Egito (Os. 11.1 e Mt. 2.15) e seria denominado Nazareno (Is. 9.1-2 e Mt. 2.23).

3.4 Da crucificação e dos detalhes cumpridos neste momento

Ao longo do ministério de Jesus se cumpriram todas as profecias das Antigas Escrituras relativas aos milagres, curas e maravilhas que seriam realizadas pelas mãos do



Messias, o que já tivemos a oportunidade de analisar em especial com referência às predições do profeta Isaías.

Em que pese toda essa realidade, que nenhum dos eruditos e estudiosos israelenses desconhecia em sua época, o fato é que Jesus foi confrontado, testado, rejeitado e odiado pelo seu próprio povo, em especial os que pertenciam às classes mais abastadas e destacadas na sociedade, como escribas, fariseus e mestres da lei. A multidão, num contexto geral (incluindo não apenas judeus, mas grande parte dos povos vizinhos alcançados por sua fama, o seguia, embora, depois tenham pedido sua crucificação, a fim de que se cumprissem as escrituras e Ele fosse morto), ou seja, Jesus causou divisão, o que também já havia sido anunciado por Simeão à sua mãe, em Lucas 2.34-35:

[...] E Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe de Jesus: Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, de modo que o pensamento de muitos corações será revelado. Quanto a você, uma espada atravessará a sua alma [...] (Nova Versão Internacional).

Seu ministério foi marcado, portanto, pela contradição, pois ao mesmo tempo em que era amado e aclamado pelo povo, era odiado pelos religiosos, para quem ele representava uma ameaça, não apenas aos seus cargos e ensinamentos engessados e que serviam aos seus próprios interesses, mas à segurança que desfrutavam (de certa forma) junto ao Império Romano. Vale dizer: ao mesmo tempo em que esperavam o Messias para que lhes libertasse da opressão de Roma, como este não veio da forma “idealizada” pelos principais religiosos, já que Jesus sempre refutava a superficialidade e hipocrisia de seus ensinamentos, decidiram reunir para condenar seu Messias.

Em diversas ocasiões, narradas pelos mais diversos evangelistas, vemos no Novo Testamento que os líderes do judaísmo tentaram apanhar Jesus em alguma palavra ou atitude, pondo-o à prova em todo o tempo, podendo citar exemplificativamente as seguintes passagens: Mateus 22.15-21; Lucas 11.53-54; Marcos 14.1-5; Jó 11.45-53, entre muitas outras.

Estando os judeus decididos a matar Jesus, acertaram com um de seus discípulos o preço da traição, ou seja, trinta moedas de prata para que Judas, um dos doze, entregasse o mestre aos principais dos judeus, para ser crucificado, conforme Mateus 26.14-16, o que também cumpre a profecia de Salmos 41.9: “[...] Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar [...]” (Almeida Revista e Fiel). Podemos observar como esta profecia se cumpre nos detalhes, conforme narrado pelo evangelista João, no capítulo 13.21-30:



[...] Tendo Jesus dito isto, turbou-se em espírito, e afirmou, dizendo: Na verdade, na verdade vos digo que um de vós me há de trair. Então os discípulos olhavam uns para os outros, duvidando de quem ele falava. Ora, um de seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava reclinado no seio de Jesus. Então Simão Pedro fez sinal a este, para que perguntasse quem era aquele de quem ele falava. E, inclinando-se ele sobre o peito de Jesus, disse-lhe: Senhor, quem é? Jesus respondeu: É aquele a quem eu der o bocado molhado. E, molhando o bocado, o deu a Judas Iscariotes, filho de Simão. E, após o bocado, entrou nele Satanás. Disse, pois, Jesus: O que fazes, faze-o depressa. E nenhum dos que estavam assentados à mesa compreendeu a que propósito lhe dissera isto. Porque, como Judas tinha a bolsa, pensavam alguns que Jesus lhe tinha dito: Compra o que nos é necessário para a festa; ou que desse alguma coisa aos pobres. E, tendo Judas tomado o bocado, saiu logo. E era já noite (Almeida Corrigida Fiel).

Assim, após a última ceia e a comovente oração de Jesus no Getsêmani, chega ao local uma comitiva vinda da parte dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos do povo, juntamente com Judas que, com um beijo lhe traiu; o mestre é preso e conduzido perante o Sinédrio, onde, após o falso testemunho de diversas pessoas e seu próprio interrogatório, é considerado blasfemo pelo sumo sacerdote, sendo conduzido ao governador romano Pilatos, que era quem tinha o poder de aplicar-lhe a pena de crucificação.

Apesar de Pilatos não encontrar acusação alguma contra Jesus, chegando ao ponto de lavar as mãos, para simbolizar que estava livre do sangue inocente daquele homem, cedeu à pressão dos judeus e entregou-o para ser crucificado, para que se cumprissem as escrituras também neste particular.

Partindo para a morte do Messias, podemos analisar que, das profecias mais conhecidas neste sentido estão o Salmo 22 e Isaías 53. O Salmo 22 é especialmente surpreendente, uma vez que previu inúmeros elementos separados sobre a crucificação de Jesus cerca de mil anos antes disso acontecer.

Vejamos, por exemplo, a menção de que o Messias teria as mãos e os pés traspassados, no versículo 16, o que encontramos relatado entre outras passagens dos evangelhos, em João 20.25; ou que os ossos do Messias não seriam quebrados, sendo oportuno lembrar que era costume da época que as pernas de uma pessoa crucificada fossem quebradas para acelerar a sua morte, o que chegou a acontecer com os ladrões que sofreram a mesma pena que Jesus, mas não com Ele, o que foi registrado com precisão por João (único discípulo que o acompanhou até a cruz), no capítulo 19.31-33, que achamos oportuno transcrever:

[...] Esse era o Dia da Preparação, e o dia seguinte seria um sábado especialmente sagrado. Por não quererem que os corpos permanecessem na cruz durante o sábado, os judeus pediram a Pilatos que ordenasse que lhes quebrassem as pernas e os corpos fossem retirados. Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas do primeiro homem que fora crucificado com Jesus e em seguida as do outro. Mas



quando chegaram a Jesus, percebendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas [...] (Nova Versão Internacional).

Ainda no Salmo 22 foi prenunciado que os homens iriam lançar sortes pela roupa do Messias (Salmo 22.18), o que efetivamente se cumpriu, conforme narrado em Mateus 27.35 e, por fim, Jesus repete na cruz as palavras de Salmos 22.1: “[...] Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste? [...]”, registrado em Mateus 27.46.

Já as predições detalhadas em Isaías 53, se cumprem na morte de Jesus, confirmando a messianidade deste. Os detalhes descritos por este profeta incluem a descrição de que Messias seria morto como um sacrifício vicário pelos pecados de seu povo (Isaías 53. 5-9), o que é confirmado em 2 Coríntios 5.21; que este ficaria em silêncio na frente de seus acusadores (Isaías 53.7), o que vemos registrado nos evangelhos e vem confirmado em Marcos 14.61 é que o Messias seria sepultado com os ricos (Isaías 53.9), o que se encontra devidamente cumprido e registrado em Mateus 27. 57-60, bem como que o Ungido estaria com criminosos em sua morte (Isaías 53.12), cujo cumprimento encontra-se registrado no evangelho de Marcos 15.27.

Encontramos ainda na passagem de Salmos 69.21 a seguinte descrição “[...] Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre [...]” comparativamente temos a descrição de João capítulo 19 e versículo 29 onde ele afirma “[...] Estava, pois, ali um vaso cheio de vinagre. E encheram de vinagre uma esponja, e, pondo-a num hissopo, lha chegaram à boca [...]”. Podemos notar que as narrações se entrelaçam e revelam o cumprimento de mais uma profecia sobre o Messias em meio a sua morte.

Por fim, a ressurreição do Messias foi previamente anunciada nas Escrituras, conforme Salmos 16.9-10: “[...] Não é de admirar que meu coração esteja alegre e eu exulte; meu corpo repousa em segurança. Pois tu não deixarás minha alma entre os mortos, nem permitirás que teu santo apodreça no túmulo [...]” (Nova Versão Transformadora). Jesus também anunciou continuamente a seus discípulos que deveria passar pela morte, mas que no terceiro dia, ressuscitaria, o que efetivamente se cumpriu conforme relatos de todos os evangelistas (Mateus 28.1-6; Marcos 16.1-8; Lucas 24.1-12 e João 20.1-18).

Em suma podemos concluir que, desde a concepção até a morte e ressurreição, Jesus cumpriu plenamente as profecias do Antigo Testamento acerca do Messias, tudo a demonstrar que Ele mesmo é o Ungido, o Salvador prometido por Deus, que havia de vir ao mundo para salvar a humanidade.



4. JESUS, O MESSIAS

A Bíblia é um livro, essencialmente, para quem tem fé, o que não impede de ser acessada e utilizada como referência e fonte de pesquisa também para quem não a tem. Embora as Escrituras sejam conhecidas e lidas por pessoas de todas as religiões ou até mesmo por ateus, seu propósito transcende ao de um mero entretenimento ou de agregação de conhecimento, o que não exclui a possibilidade de ser estudada com base em ciência e de forma cognitiva, conforme já mencionado.

Foi o que procuramos fazer ao longo deste trabalho, utilizando a Bíblia como fundamento para comprovação de verdades espirituais e que, conseqüentemente, dependem de fé, mas também tendo subsídios históricos, arqueológicos e que podem ser comprovados no mundo fático, ou seja, independente de fé, pois as profecias sobre o Messias existiam e são achados científicos reconhecidos e importantes, tal como demonstrado no segundo capítulo.

Nos capítulos anteriores utilizamos fundamentalmente a bíblica aliada a fatos históricos e arqueológicos, sendo que neste derradeiro capítulo procuraremos nos centrar em dialogar com outros autores e pensadores sobre o tema, de modo a amparar nossas conclusões em diversas fontes, fortalecendo o aspecto técnico-científico.

A messianidade de Jesus é unânime entre teólogos, estudiosos e escritores cristãos, que apontam e utilizam observações pessoais, assim como dados empíricos em suas abordagens para defender o ideal cristão de que Jesus cumpre perfeitamente as características do Messias prometido por Deus.

Em relevante publicação sobre o desejo de Deus pela salvação, Antonio Wardison e Cézar Teixeira (2011) contextualizam diversos elementos dos anúncios dos profetas acerca da revelação salvífica de Deus para com seu povo:

[...] Fundamentalmente, a mensagem profética tem por conteúdo: o religioso, javismo, a aliança e o messias. Com isso, conserva a religião de Israel como culto ao Deus Javé e exorta o cumprimento da lei, que é a base para a aliança; iluminar e consolar o povo, para que ele se conserve na fidelidade a Deus e reconheça seu pecado sacerdotal, na tentativa de fazer reconhecer a exterioridade do culto praticado pelos sacerdotes e, ao contrário, ambicionar a vivência interior da fé em Deus, em detrimento dos sacrifícios; e político, por combater o poderio dos reis e dos juizes e todos aqueles que escravizavam o povo (2 Sm. 12,1-15). Todos esses elementos, que comportam o conteúdo do anúncio dos profetas, estavam em função da salvação do povo, fundamento de toda revelação de Deus ao seu povo [...]. (Wardison, 2011, op.cit. p. 33).



Mas prosseguindo para a análise acerca da pessoa de Jesus como o Salvador anunciado pelos profetas, identificam que ele conseguiu conciliar em si todos os elementos da revelação divina, sendo o Messias perfeito:

[...] Finalmente, a salvação que vem de Deus é articulada na história por meio de seu filho Jesus Cristo. Ele é o salvador por excelência, pois é o Deus que se fez homem e tornou possível o cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Desta forma, Jesus é a compreensão, a prática e o desenvolvimento da consciência do Deus-Criador e desejoso pela salvação, na história e na Vida [...].

Adiclecio Ferreira Dias (2016), ao escrever sobre a divindade de Jesus em revista científica multidisciplinar, em estudo cuja importância é enfocada não só para a comunidade acadêmica, mas para o leitor interessado em conhecer mais de Jesus, na medida em que este, muitas vezes, é estudado como apenas um ser histórico, como Buda e Maomé. Todavia, defende que Jesus, por ser o Cristo, o Filho de Deus, possui uma natureza divina, sendo sua messianidade confirmada pelas escrituras. Relata o referido autor:

[...] A veracidade sobre a divindade de Jesus é testada e aprovada pelas profecias feitas nas escrituras sagradas há muito tempo atrás. O seu nascimento foi profetizado pelos os profetas 'Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão' Mateus 1.2. 'Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo rei, reinará e agirá sabiamente, e praticará o juízo e a justiça na terra' Jeremias 23.5. O seu nascimento virginal foi predito pelo Isaías, 'Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel' [...] (Isaías 7. 14). (Dias, 2016, op.cit, p. 32).

Ele ainda fundamenta suas conclusões acerca de Jesus como Cristo nos atributos exclusivos da divindade, todos plenamente existentes em sua pessoa, ou seja, a onisciência, onipotência e onipresença, acrescentando, ainda, que o próprio Jesus reivindicou para si o título de Messias, ao assim se declarar para a mulher samaritana.

Ainda prosseguindo nosso diálogo com outros estudiosos, podemos citar Basílio Henrique (2018), que, na mesma esteira da nossa pesquisa, fortalece a questão das profecias feitas acerca do Messias, em especial pelo profeta Isaías, o que traria legitimidade para a conclusão acerca de Jesus como o Messias:

[...] As profecias do Antigo Testamento tinham a grande incumbência da preservação da fé em um único Deus à nação hebraica e preparar a base para a fé na vinda do Messias, como um Ser, o qual tinha, além da natureza Humana, também a natureza Divina. Os profetas tinha que falar sobre a divindade de Cristo, de maneira, que não fosse entendido pelos judeus como linguagem pagã, isto é, como politeísmo. Por esta razão, os profetas do Antigo Testamento revelaram gradativamente o segredo da Divindade do Messias, de acordo com certo grau de fé em Deus Uno,



introduzido pouco a pouco à nação hebraica [...]. (Henrique, 2018, op. cit, p. 1).

O estudo mencionado explora, ainda, a questão do sofrimento do Messias, conforme análise dos consagrados capítulos 52 e 53 de Isaías, endossando a ideia de que Cristo devia padecer pelos pecados da humanidade. Acerca da questão do Messias sofredor, interessante a análise do frei Ignácio Larrañaga, na obra *Sufrimento e Paz* (2013), que de forma bastante peculiar, mas extremamente pertinente, sustenta que o fato de o Messias sofrer, não significava que este vivia sem alegria. Jesus era homem de dores, porque também era um poço de alegria, na mesma medida.

[...] Desse jeito Jesus foi deslindando , em forma de narrações e apólogos, diante de seus espantados e humildes ouvintes, o mistério e tesouros do coração do Pai. Essa era a temperatura permanente do interior de Jesus, de onde brotavam aquelas palavras que inundaram o mundo de alegria e de misericórdia. Por tudo o que dissemos, afirmamos que o Evangelho é um hino à alegria, entendendo por alegria não necessariamente o riso explosivo mas um estado interior de pleno gozo e liberdade. Por isso, onde está Jesus, a tristeza é impossível [...]. (Larrañaga, 2013, op. cit. p. 183-184).

É interessante trazer esta abordagem, não apenas em razão de sua particular observação quanto à alegria transmitida por Jesus, mas também como forma de ampliar a pesquisa e os estudos, para além da abordagem evangélica, já que o autor da obra citada, além de frei católico, escreve para um público não necessariamente cristão, o que deixa claro em sua apresentação e prefácio, que escreve para quem tem pouca ou nenhuma fé.

Também em interessante estudo sobre os livros de Isaías e Zacarias, cujo objetivo seria investigar se as alegações cristãs no sentido de que Jesus é o Messias anunciado no Antigo Testamento procedem, Marcelo Raupp (2014), propõe que tanto o livro de Isaías quanto o de Zacarias são acontecimentos discursivos que vieram à luz em situações históricas concretas e específicas, bem antes do surgimento do Cristianismo, concluindo que:

[...] Se olharmos pelo prisma de que a Bíblia, como texto religioso, possui uma dimensão histórica e uma dimensão transcendental, como defendem alguns autores, ficará mais fácil de perceber que há determinadas passagens em que parece existir uma espécie de entrelaçamento entre essas duas dimensões. cremos que essa ideia ficou evidente com a investigação aqui feita, pois percebe-se que as passagens que analisamos, em um primeiro momento, dizem respeito a acontecimentos discursivos específicos situados no tempo e no espaço, e, em um segundo momento, elas podem estar se referindo a eventos de natureza religiosa-transcendental. Partindo dessa perspectiva, para aqueles que defendem o uso racional da Bíblia, parece sensato, bem como necessário, buscar um equilíbrio entre as duas supostas dimensões dessa obra, procurando não superestimar nenhuma das duas, já que, dentro do ponto de vista aqui defendido, uma parece depender da outra. Assim, entendemos que há uma certa legitimidade nas alegações cristãs de que as duas passagens aqui analisadas podem, em uma dimensão metafísica, estar se referindo ao fundador dessa religião. Mas é óbvio que essa ideia, por estar mais relacionada ao campo da crença religiosa,



não pode ser plenamente captada pelo estudo filológico do texto bíblico. Apesar disso, ela não deixa de poder ser válida e parece estar bem presente entre os grupos religiosos que usam a Bíblia, especialmente os de matriz cristã, pois, conforme acreditamos ter conseguido demonstrar com a análise do nosso corpus, o suposto entrelaçamento das duas dimensões, que acontece de forma implícita, é verdade, pode muitas vezes ser perdido em uma Bíblia traduzida, em que a perda algumas vezes é inevitável, em virtude da própria natureza do processo tradutório, como vimos nas traduções propostas para o termo hebraico *almá*, em Isaías 7.14, e outras vezes é proposital, para atender a um determinado posicionamento teológico, como foi demonstrado mediante a análise comparativa das traduções de Zacarias 12.10 [...]. (Raupp, 2014, op. cit., p. 259-260).

As passagens analisadas pelo autor, em diversas traduções bíblicas diferentes referem-se à concepção por uma virgem (Isaías 7.14) e à lamentação pela “casa de Davi”, quando perceberem que rejeitaram e traspassaram seu próprio Messias (Zacarias 12.10). A conclusão, ainda que tímida, posto que analisada sob a ótica filosófica e não propriamente teológica ou religiosa, legítima o entrelaçamento das passagens analisadas, com sua concretização na pessoa de Jesus.

Ainda sobre a realidade de Jesus como Messias, podemos citar a obra de Roger Liebe (2018), que analisa com minúcias a autenticidade histórica das profecias messiânicas, defendendo já na introdução de seu livro que:

[...] O NT mostra que a profecia messiânica permite ‘comprovar’, no sentido exato da palavra, que Jesus de Nazaré é o Messias prometido. Em Atos 9.22 e 18.28 relata-se que tanto Paulo como Apolo empregaram esse modo de comprovação da fé cristã diante dos judeus. Na primeira passagem, o texto usa a palavra *symbibazo*; na segunda a palavra *deiknymi*. *Symbibazo* indica a comprovação obtida por meio de conclusões lógicas derivadas de uma grande quantidade de provas compiladas. A palavra *deiknymi* refere-se à demonstração da tese por meio de uma apresentação clara e explícita das provas que as fundamentam. Não nos cansamos de ressaltar que nenhuma outra religião além do cristianismo bíblico apresenta esse modo de argumentação [...]. (Liebe, 2018, op. cit., p. 17).

John Ankerberg e John Weldon no livro “Os Fatos Sobre Jesus, O Messias”(1993), escrevem acerca de profecias que provam que Jesus é o Salvador, na conclusão intitulada “Quem é o Messias” discorrem que depois de examinar cuidadosamente várias profecias, verificaram que Jesus Cristo cumpriu todas elas e que ninguém mais em toda história da humanidade fez isso, o que é motivo suficiente para concluir que este é o Messias prometido, conclusão está também alcançada, segundo os citados autores, pelos eruditos Delitzsch e Gloag, na obra “The Messiahship”.

Por sua vez, o autor de “O Messias no Antigo Testamento”, destaca a importância da existência de predições acerca do Messias no Antigo Testamento que, de forma conjunta com os fatos ocorridos na vida de Jesus, podem dar um suporte adequado e um valor apologético muito maior para o entrelaçamento destas ideias. O referido autor assim escreve acerca das



profecias:

[...] Foi esse próprio desafio feito por Deus aos ídolos mortos das nações: se vocês são verdadeiramente divindades, então digam algo sobre o futuro e como os eventos acontecerão (Is. 41.22-23; 45.21b-c; 46.9b-10; Am. 3.7). A predição é tão importante para a própria natureza da Bíblia que se avalia que envolve aproximadamente 27% da Bíblia. Deus, com certeza, é o Senhor do futuro. Mas não é menos relevante o fato de o cumprimento da profecia também ser uma parte importante da revelação bíblica. Esse cumprimento não se deu meramente por determinação da igreja de dizer que era assim. Teria muito pouco valor apologético, caso tivesse algum, chegar a essa conclusão. Não! As realidades do que aconteceu por fim tinha de se ajustar perfeitamente com o que fora declarado em palavra antes de seu acontecimento [...].

Vemos, portanto, por diversas fontes de pesquisa, que nossas conclusões acerca da messianidade de Jesus, com fundamento em profecias proferidas sob a égide da Antiga Aliança, é amplamente defendida e aceita, não apenas pelas comunidades cristãs, mas também junto ao meio acadêmico, conforme verificamos através da citação de diversos escritores neste capítulo.

Não se duvida que Jesus foi um tipo absolutamente inusitado de líder, gerando muitos questionamentos, deixando pasmas as pessoas, em especial líderes religiosos de sua época. Neste sentido, o autor do livro intitulado em português como “Simplesmente Jesus”, inicia o capítulo “Por que o Messias precisava morrer” com a seguinte narrativa:

[...] Camadas após camadas surgem, densa e ricamente nos textos, ecos atrás de ecos, alusões e ressonâncias tropeçando umas nas outras, de modo que, para aqueles que têm ouvidos para ouvir, torna-se imperdível, um crescendo de perguntas às quais, ao final, poderá haver uma única resposta. ‘Por que você fala assim? Você é aquele que havia de vir? Pode alguma coisa vir de Nazaré? Que sinal nos dá? Por que ele se assenta à mesa com publicanos e pecadores? De onde lhe vem toda essa sabedoria? Como este homem pode nos oferecer sua carne para comermos? As autoridades pensam que ele é Messias? Pode o Messias vir da Galileia? Por que você está se comportando de modo tão irregular? Quem, então, é este? Não estamos certos em dizer que és samaritano e tem demônio? O que você diz a seu respeito? Com que autoridade você faz estas coisas? Quem é este Filho do Homem? Devemos pagar tributo a César?’ E de modo culminante: ‘Você é o rei dos judeus? O que é a verdade? De onde você vem? Você é o Messias, o filho do Deus Bendito?’ Então finalmente, tarde demais para respostas, mas não para a ironia: ‘Você não é o Messias? Salve-se a si mesmo e a nós! Se você é o Messias, por que não desce da cruz?’. Seja o que for que diziam sobre Jesus, não restam dúvidas de que suas ações e ensinamentos levantavam esse tipo de questionamento, por toda parte onde ia.

Assim, que Ele gerou controvérsia, não há dúvidas. Todavia, da mesma forma, não há como se questionar que também cumpriu de forma perfeita as profecias messiânicas. Aliás, justamente por ser um tipo de líder diferenciado e nada semelhante ao que os líderes religiosos idealizaram, é que Jesus foi rejeitado pelo seu próprio povo, insensível aos sinais e predições veterotestamentárias Nele cumpridas. Importante frisar, entretanto, que as profecias acerca do Messias jamais sugeriram que Ele seria uma unanimidade entre o povo, ao



contrário, pois deixa claro que Ele seria humilhado e rejeitado.

Ainda acerca da messianidade de Jesus, temos a brilhante dissertação de Rita Maria Gomes, que leva o título de “Jesus, o Messias Inaudito”, na qual analisa sob a ótica hermenêutica do Evangelho de Marcos, o messianismo. Na referida obra a autora corrobora nossa ideia de que o Messias não veio tal como o “modelo” idealizado pelos judeus, causando controvérsias:

[...] Ele não é o Messias tal como se imaginava. Aliás, a ideia de Deus e de seu Messias era bem diversa daquela que Jesus dava corpo. É como Servo que Jesus prega a salvação para todos os povos. Sua mensagem é universal, mas enraizada em sua cultura e religião. Os judeus precisavam primeiro realizar plenamente sua vocação para incorporar os pagãos, mas isto só se dá após a cruz, quando o Servo dá sua vida por muitos (Mc 10,45). Em Marcos, esta universalização se dá ao longo de todo Evangelho e culmina na cruz e ressurreição, com o retorno à Galileia [...].

A referida autora, que denomina esses messianismos essencialmente políticos, esperados e desejados pelo povo em geral, inclusive os discípulos, de falso messianismo aponta essa questão, inclusive, como uma tentação para Jesus, ou seja, uma tentativa de embaraço para que Ele não cumprisse exatamente o que as escrituras predisseram acerca dele: que seria um servo sofredor.

E nos parece que a ideia do apontamento desta condição como uma tentação a Jesus tem fundamento, especialmente quando constatamos a reação de Pedro ao anúncio do sofrimento e morte do Messias no relato bíblico do evangelho de Marcos (Mc. 8.31-32), quando Jesus repreende severamente o referido discípulo (que tinha acabado de confessá-lo como Messias), por tentar dissuadi-lo da missão de morrer pela humanidade.

Na mesma linha de raciocínio, acerca de um Messias que não atendia às expectativas judaicas, a autora cita interessante posicionamento de Christian Duquoc (1980), denominado por este de antimessianismo, mas que, na verdade, não nega a messianidade de que Jesus:

[...] Sua exposição sobre o messianismo está em íntima continuidade com o exposto em nosso primeiro capítulo a respeito do messianismo do Servo. A afirmação constante da originalidade visa esclarecer a distância fundamental entre o que foi a vida, a pregação e ação de Jesus das configurações messiânicas judaicas, carregadas de vitória e exaltação. Por isso, não hesita em dizer que a luta concreta de Jesus por causa da justiça consiste primeiramente em destruir a imagem do Messias. O que pretende sem dúvida é corrigir a visão vitoriosa do Ressuscitado desligada do Crucificado [...]. (Gomes, 2011, op. cit., p. 54-55).

Acerca da obra “O Messias Inaudito ”(2011), considerando a abordagem a partir do Evangelho de Marcos, é debatida também a questão do “segredo messiânico”, que significa que, por vezes a identidade de Jesus como Messias é “escondida” ou é um título que na



verdade não deve ser divulgado imediatamente. Por qualquer razão, Jesus diz aos seus discípulos ou à pessoa que foi curada, por exemplo, para não anunciar quem Ele é (o Messias).

Todavia, esta situação não atenta contra a realidade de messianidade de Jesus, já que este necessitou em alguns momentos esconder sua identidade em certos aspectos, em razão das expectativas do povo, que esperava um redentor que viria como um rei, baseados em uma concepção muito política, o que não era, de verdade, sua missão.

Se Jesus simplesmente se declarasse como Messias o povo certamente entenderia que Ele iria estabelecer um reino político, conchamar a guerra e retirar os romanos, sentando-se em um trono humano, exatamente como era nos dias de Davi, Mas não, pois o reino que Jesus tinha em mente é muito mais transcendente que aquilo, muito mais abrangente, pois Ele trabalha com princípios bem diferentes. Jesus está no estranho lugar onde às vezes admite que é o Messias e às vezes rodeia a questão (a depender do “público” que o está ouvindo) e cremos que isso não abala sua figura de Messias, pois certamente o fez a fim de não criar falsas expectativas em um rei humano.

Assim, voltando a citar a dissertação “Jesus, o Messias Inaudito”, vemos:

[...] Mas, a ideia de um Messias que sofre, morre e ressuscita parecia estranha a quem esperava um messias-rei poderoso e libertador, um restaurador político. Contudo, a ideia de um messias que contava com a debilidade e o sofrimento não era totalmente alheia aos contemporâneos de Jesus e isso foi o que tornou possível aos primeiros cristãos e, especialmente, a Marcos a releitura desses títulos messiânicos. O certo é que a figura do Filho do Homem neotestamentária e, principalmente, marcana apresenta a face do Servo Sofredor dos cantos isaianos e não podemos pensar numa novidade absoluta dos textos do Novo Testamento. Esses textos são reflexões enraizadas na cultura e fé de um povo que vive de suas tradições religiosas, mesmo que seja uma vivência dinâmica da fé. Releituras são possíveis e existem muitas. Novidades absolutas que representem quebras não são admitidas [...].

Conforme exploramos nos capítulos antecedentes, com base nas profecias do Antigo Testamento, havia vários requisitos de que o Messias judaico deveria cumprir: ser um hebreu (Isaías 9.6), nascido em Belém (Miqueias 5.2), de uma virgem (Isaías 7.14), um profeta semelhante a Moisés (Deuteronômio 18.18), um rei (Isaías 11.1-4), o Filho de Davi (Mateus 22.42) e que sofreu antes de entrar em sua glória (Isaías 53). Jesus realizou cada uma destas exigências messiânicas, conforme já demonstrado alhures.

Jesus era hebreu, da tribo de Judá (Lucas 3.30); nasceu em Belém (Lucas 2.4-7), de uma virgem (Lucas 1.26-27). Também era um profeta semelhante a Moisés, mas ainda maior,



porque enquanto Moisés libertou Israel da escravidão física do Egípcio, Jesus liberta da escravidão da morte e do pecado. Jesus, não apenas nos conduz à Terra Prometida, mas ao céu por toda a eternidade (João 14.1-3).

O Messias também possuía deveres sacerdotais e, neste ponto, podemos encontrar um certo dilema inicial, pois Jesus não era levita, sendo certo de que, pela crença judaica, apenas os descendentes desta tribo estariam autorizados a serem sacerdotes. Então, como poderia Jesus se qualificar, se era da tribo de Judá?

Ocorre que Jesus é um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, personagem misterioso que aparece no texto veterotestamentário em Gênesis 14, sendo expressamente mencionado no Salmo 110.4 que o Messias seria sacerdote segundo a ordem deste, o que também é ratificado em Hebreus 6.20. Importante frisar que Melquisedeque antecedeu o templo judeu, e seu nome significa Rei da Justiça, sendo também chamado por Rei de Salém. Este sacerdote abençoou Abraão, que lhe deu o dízimo dos despojos da guerra que acabara de vencer. Assim, como um sacerdote da ordem de Melquisedeque, Jesus é maior do que Abraão (João 8.58) e o sacerdócio levítico, ficando resolvida a questão do sacerdócio de Cristo.

O Messias também deveria ser um rei. Jesus era de Judá, a tribo real. Segundo o relato bíblico, quando Jesus nasceu, magos vieram do oriente procurando o rei dos judeus (Mateus 2.1-2). E a ideia de Jesus como rei à sua época era tão disseminada que até mesmo em sua morte, em que pese o tom sarcástico da inscrição, no madeiro em que foi crucificado foi lavrado termo latim INRI, que significa “Jesus Nazareno Rei dos Judeus”. Uma outra maneira em que Jesus se encaixa na descrição do Antigo Testamento do Messias é que ele se qualifica perfeitamente como o Servo Sofredor de Isaías 53. Na cruz ele foi “desprezado” e “dele não fizemos caso” (Isaías 53.3). Ele foi “traspassado” (versículo 5) e “oprimido e humilhado” (versículo 7).

Para aqueles que acreditam em Jesus como Senhor e Salvador, a prova de que ele é o Messias judeu parece esmagadora. Mas como explicar aos que não aceitam Jesus como o Messias, especialmente entre o seu povo (judeus)? Tanto Isaías quanto Jesus profetizaram uma cegueira espiritual sobre Israel como um julgamento por sua falta de fé (Isaías 6.9-10, Mateus 13.13-15). Além disso, a maioria dos judeus do tempo de Jesus, conforme já explanamos, estava procurando um salvador político e cultural, não um Salvador do pecado. Eles queriam que Jesus os libertasse do jugo de Roma e estabelecesse Sião como a capital do mundo, conforme Atos 1.6.



Assim, a maioria dos judeus não reconheceu e nem reconhece Jesus como o Messias, pois estavam à procura de um rei terreno, não o governante de um reino espiritual, tanto que muitos rabinos interpretam o Servo Sofredor de Isaías 53 como o povo judeu, que tem sofrido com guerras, cativeiros e até um holocausto. A cegueira deles era tão grande que nenhuma quantidade de milagres fez uma diferença (Mateus 11.20), sendo certo que Jesus realizou todos os milagres que os próprios judeus consideravam messiânicos: a cura de um leproso judeu; a expulsão de um demônio mudo e a cura de um cego de nascença.

Todavia, não podemos deixar de apontar que houve muitos hebreus que creram em Jesus como Messias. Os pastores de Belém viram (Lucas 2. 6-17), Simeão no templo viu (Lucas 2.34), Ana viu e “[...] dava graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém [...]” (Lucas 2.38).

O messianismo não se reduz à experiência israelita e cristã. Por isso é importante compreender um pouco mais dessa realidade através da consideração do tema em outras áreas, o que procuramos fazer ao dialogar com a análise de diferentes estudiosos neste derradeiro capítulo, trazendo à baila diversos apontamentos acadêmicos sobre a messianidade de Jesus.

É certo que na época de Cristo havia muitos que se declaravam Messias, pois era uma ideia realmente muito difundida e aguardada pelo povo de Israel. Todavia, podemos concluir que o que distingue Jesus dos demais é justamente o cumprimento Nele de todas as profecias do Antigo Testamento acerca do libertador prometido. Ademais, como declarou um mestre fariseu chamado Gamaliel, na época da igreja primitiva e fora registrado no livro de Atos dos Apóstolos (5.35-39):

[...] Israelitas, considerem cuidadosamente o que pretendem fazer a esses homens. Há algum tempo, apareceu Teudas, reivindicando ser alguém, e cerca de quatrocentos homens se juntaram a ele. Ele foi morto, todos os seus seguidores se dispersaram e acabaram em nada. Depois dele, nos dias do recenseamento, apareceu Judas, o galileu, que liderou um grupo em rebelião. Ele também foi morto, e todos os seus seguidores foram dispersos. Portanto, neste caso eu os aconselho: deixem esses homens em paz e soltem-nos. Se o propósito ou atividade deles for de origem humana, fracassará; se proceder de Deus, vocês não serão capazes de impedi-los, pois se acharão lutando contra Deus (Nova Versão Internacional) [...].

E o tempo se encarregou de confirmar as palavras daquele mestre, pois quase dois mil anos após, estamos a estudar e discorrer acerca daquele mesmo Jesus, ou seja, seu ensino, suas verdades e seu messianismo provinham de Deus e, por isso mesmo, nenhum homem foi capaz de deter sua mensagem.

Ainda corroborando com a messianidade de Jesus, dentre todos os que se



apresentavam como Messias no primeiro século, temos o estudo do Professor Doutor, Padre Ari Luís do Vale Ribeiro, no qual assevera:

[...] Ainda no AT, o Reino de Deus implicava na intervenção de Deus na história, e cada etapa do AT matiza diferentemente esta intervenção para alterar a ordem vigente, promovendo justiça e paz verdadeiras, prioritariamente para os pobres. Com o fracasso da monarquia em Israel, vai surgindo uma nova concepção de Reinado de Deus e, assim, fazendo emergir a espera por um messias, atento às necessidades dos pobres, capaz de operar a reconciliação, ou seja, a paz que é fruto da justiça (Is 32, 17). Jesus, de fato, é este Messias esperado que evangeliza os pobres (Mt 11,5; Lc 4, 18) e lhes diz que deles é o Reino (Lc 6,20). Os pobres do tempo de Jesus são tantos os que passam necessidades, bem como aqueles que são desprezados pela sociedade (pecadores, publicanos, prostitutas etc.). Para eles, Jesus apresenta a Justiça de Deus que inaugura o Reino em meio aos homens, e lhes indica o novo caminho da história. Este caminho do Reino, manifestado pela conduta de Jesus em como sua pregação, se dá na prática do amor, capaz de transformar a estrutura de injustiça: daí a necessidade da solidariedade entre os homens [...].

Algo no messianismo, entretanto, é certo: a intervenção divina na história dos homens. Desta forma, partindo para o desfecho de nossas constatações, devemos ressaltar, resgatando tudo o que até defendemos, que Deus fez o ser humano para ser a coroa de sua criação e jamais o deixaria abandonado ou sem resgate, mesmo se este fosse desobediente (o que sabemos que, efetivamente, ocorreu). Deus já tinha um plano para quando o pecado entrasse no mundo e a redenção não dependeria do homem, mas do próprio Deus, que tomou a iniciativa e proveu a forma de nos resgatar para um relacionamento ideal com Ele novamente, como existia no Éden, antes da desobediência.

De forma bastante pertinente e oportuna, nos ensina Michael Kleine (2011), em interessante reflexão sobre as “escolhas” de Deus ou a Sua forma ímpar de agir que, em geral, nos surpreende e contraria a lógica humana:

[...] A iniciativa é sempre de Deus, que envia o Salvador. Ele continua surpreendendo ao fazer com que sua Palavra (seu Verbo) assuma forma humana. Ele continua escolhendo as coisas fracas e sem aparência. Ele descarta a ‘casa de cedros’ (templo) e prefere a casa de ‘carne’, por meio da qual ele arma sua tenda/habitação neste mundo (Jo. 1.14). Enquanto nós procuramos demonstrar nosso poder, Deus faz o contrário: “Tornou-se em tudo meu irmão, e, pobre e desprezado, ele ocultou o seu poder e um simples homem veio a ser: Lutou por minha causa’ (Lutero, HPD 155,6). No tempo presente, continua sendo Deus quem constrói a ‘casa’ – a sua comunidade. E ele continua usando instrumentos que não combinam com aquilo que esperamos dele: pessoas fracas para proclamar a sua palavra poderosa (pregação), água para demonstrar seu compromisso de amor (batismo), pecadores para anunciar o perdão em seu nome (confissão dos pecados em particular e absolvição), ‘um pedaço de pão e um pouco de vinho’ para conceder ‘perdão dos pecados, vida e salvação’ [...] (Lutero).

Foi exatamente desta forma que Deus agiu ao enviar seu Messias para viver como



homem nesta terra, mas Ele projetou tudo de uma forma tão perfeita, deixando tudo registrado nas Escrituras Sagradas centenas e até milhares de anos antes, como deveria ser, em termos de personalidade, procedência, linhagem, descendência, além das obras que deveria realizar (com riqueza de detalhes) este Salvador, a fim de que, quando chegasse o tempo oportuno de sua manifestação, não houve dúvida acerca de sua identidade, a qual concluímos hoje: Jesus.

Em Isaías 48.3-5 verificamos que Deus é intencional em suas palavras, atos e profecias, a fim de que seu povo não fique duvidoso ou seja enganado, *in verbis*:

[...] O Senhor diz a vocês: ‘Há muito tempo, eu falei de coisas do futuro, disse claramente o que ia acontecer. De repente, agi, e tudo aconteceu como eu tinha dito. Eu sabia que vocês são teimosos, que são duros como o ferro ou o bronze. Por isso, falei dessas coisas há muito tempo; antes que elas acontecessem, eu as havia anunciado a vocês. Portanto, vocês não podem dizer que foram as suas imagens e os seus ídolos que fizeram essas coisas acontecerem [...] (Nova Tradução na Linguagem de Hoje).

Conforme bem ponderam John Ankerberg e John Weldon (1993), na obra “*Os Fatos Sobre Jesus, O Messias*”:

[...] Qualquer pessoa pode fazer predições – isso é fácil. Vê-las cumpridas é outra história. Quanto mais declarações você faz sobre o futuro e quanto maiores os detalhes, tanto maiores serão também as possibilidades de estar errado. Por exemplo, até que ponto você consegue indicar o tipo exato de morte que um líder religioso novo e desconhecido vai ter daqui a mil anos? Você poderia descrever e prever um novo método de execução desconhecido agora – que não será sequer inventado por centenas de anos? Foi isso que fez Davi em 1000 a.C, quando escreveu o Salmo 22. Mais ainda, se você pensou em 50 profecias sobre algum homem no futuro, a quem nunca encontrará, quão difícil pensa que seria para esse homem cumprir as 50 profecias preditas? Quão difícil seria para ele se 25 das predições que você fez tivessem sido sobre o que *outras* pessoas fariam a ele e estivessem completamente fora do seu controle? Talvez fosse possível adaptar uma ou duas dessas profecias, mas é virtualmente impossível para qualquer homem adaptar e cumprir todas essas predições antecipadas. Se pudesse ser provado que tais profecias foram feitas sobre o Messias com uma antecipação de centenas de anos, e que um só homem cumpriu *todas* elas, esse homem deveria ser então logicamente o Messias. Deus fez inúmeras profecias (mais de 400) sobre o Messias, pelo menos por duas razões. Primeiro, tornar óbvia a identificação do Messias. E segundo, tornar impossível a tarefa de um impostor [...]. (Weldon, 1993, op. cit., p. 13-14).

Partindo agora para uma questão mais técnica e matemática, aproveitando o estudo realizado pelo matemático Peter Stone e reproduzido por Eduardo Feldeberg em artigo escrito em seu site, chegamos à irrefutável conclusão acerca da absoluta impossibilidade de alguém cumprir todas as profecias do Antigo Testamento a respeito do Messias, a não ser que se aceite a realidade de que essa pessoa realmente é o Messias. Vejamos:

[...] As seguintes probabilidades foram calculadas por um matemático chamado Peter Stoner, mas eu fiz algumas alterações contextualizadas ao Brasil para que



“História dos Hebreus” (2019), registrou que Ele efetivamente existiu e era um homem sábio, que praticou boas obras e cujas virtudes eram reconhecidas. Josefo chega a afirmar na referida obra que talvez Jesus fosse o Messias previsto “pelos maravilhosos prognósticos dos profetas”. A historicidade de Jesus é admitida e registrada, ainda, por diversos padres como Eusébio de Cesareia, Irineu de Lyon, Orígenes, Tertuliano; reconhecida pelo Talmude, que é uma compilação das tradições orais do judaísmo, redigida no século IV; mencionado pelo filósofo platônico Celso, autor do “Discurso Verdadeiro” (século II), que embora contenha violento ataque contra o cristianismo, admite expressamente a existência de Jesus. Até mesmo no contexto islâmico, a real histórica de Jesus é admitida, sendo considerado um dos mais importantes profetas de Deus. O judaísmo ortodoxo, por sua vez, embora rejeita a crença de Jesus como Messias, jamais negou sua existência como ser humano histórico.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme defendemos de forma exaustiva no presente estudo, os textos bíblicos estão permeados da promessa de um Messias, que, na verdade, constitui toda a centralidade bíblica. Essas profecias messiânicas foram escritas e registradas centenas ou até milhares de anos antes de Jesus Cristo nascer, o que também restou evidenciado no segundo capítulo.

No decorrer do terceiro capítulo entendemos ter demonstrado que Jesus foi a única pessoa a viver nesta terra capaz de cumprir cada uma das profecias acerca do Messias prometido. Nenhuma predição messiânica deixou de ser observada em sua passagem terrena, tendo apresentado no presente apenas as principais, pois, conforme já anunciado, existem no Antigo Testamento mais de 300 profecias específicas detalhando a vinda deste Ungido.

Além de profecias detalhando o seu nascimento virginal, em Belém da Judeia; sua descendência e genealogia da tribo de Judá, da linhagem do rei Davi; sua criação em Nazaré e sua obra expiatória pelos pecados do seu povo, a morte e ressurreição do Messias judaico foram igualmente bem documentadas nas Escrituras e cumpriram-se integralmente na pessoa de Jesus.

Das profecias mais conhecidas nas Escrituras antigas acerca da morte do Messias, podemos destacar que o Salmo 22 é especialmente surpreendente, uma vez que previu inúmeros elementos separados sobre a crucificação de Jesus cerca de mil anos antes de sua concretização, tudo conforme detalhado no capítulo 3.

Também em Isaías 53, a profecia messiânica clássica detalha a morte do Messias pelos pecados de seu povo, mais de 700 anos antes de Jesus nascer. O profeta prediz que o Messias seria rejeitado, morto como um sacrifício vicário pelos pecados de seu povo, ficaria em silêncio perante seus acusadores, seria sepultado com os ricos e estaria com criminosos em sua morte, tudo efetivamente concretizado quando da crucificação de Jesus.

Após todas essas coisas, bem como a ascensão aos céus do Cristo ressurreto e a descida do Espírito Santo sobre os seguidores de Jesus, no dia de Pentecostes, Pedro toma a palavra e começa a pregar acerca do Reino de Deus, afirmando que Deus tinha ressuscitado o Jesus e que este milagre era o cumprimento da profecia de Davi no Salmo 16, o que foi endossado por diversos outros seguidores em seus discursos e pregações, como o primeiro mártir cristão, Estevão, o apóstolo Paulo, Filipe, entre outros, tornando-se fundamento de toda a doutrina cristã.

No quarto capítulo, dialogando com diversos estudiosos, teólogos e pesquisadores do tema, também pudemos concluir que o messianismo e a messianidade de Jesus são



amplamente amparados, tanto no campo eclesiástico, como no teológico e acadêmico.

O objetivo e a proposta inicial do trabalho foram atingidos, sendo confirmado em seu bojo que as profecias messiânicas, anunciadas desde a criação do mundo, foram cumpridas em Jesus e, por isso, podemos concluir com clareza que estamos diante do Messias.

Em suma, cada aspecto do nascimento, vida, morte e ressurreição do Messias havia sido profetizado nas Escrituras Bíblicas muito antes dos acontecimentos se desenrolarem na linha do tempo da história humana. Não é de admirar que o Jesus diria aos líderes religiosos judeus de sua época: “[...] Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim [...]” (João 5.39), concluindo, então, por todas as evidências aqui apresentadas que Jesus é o Messias prometido por Deus, estando a igreja na expectativa de sua volta, quando se cumprirão integralmente as profecias a seu respeito contidas nas Sagradas Escrituras, de um reinado justo e eterno, juntamente a todos aqueles que crerem.

Afora a questão da messianidade e da salvação que trouxe ao mundo, não poderíamos deixar de mencionar Jesus com um ser humano extraordinário, o que não pôde ser negado nem mesmo por seus opositores. Sua vida, palavras, ensinamentos e obras transformaram de uma forma marcante a humanidade, independente de crença ou religião. Tanto é verdade, que marcou os tempos e o próprio calendário, que se divide em antes e depois de sua passagem terrena.

Evidente que, se partirmos para a questão da fé, Ele é muito mais do que uma pessoa especial e que marcou a história, pois além de cumprir as escrituras e predições messiânicas (e, por isso, estar suficientemente demonstrado ser Ele o Messias prometido por Deus, para a salvação da humanidade), no âmbito pessoal, para quem tem experiências de fé com Ele, é certo que é muito mais, pois é amigo, abrigo, consolo, paz, restauração, reconstrução, transformação e tudo o mais que o indivíduo precisar.

Desta forma, seja por investigação científica ou por fé, podemos concluir que Jesus é o caminho de volta a Deus, ao que o Criador idealizou quando fez a terra, o céu, a natureza e o ser humano. Ele é nosso resgate, Ele é suficiente.



APÊNDICE

TABELA COM ALGUMAS PROFECIAS E SEU CUMPRIMENTO

| PROFECIAS | ANTIGO TESTAMENTO | NOVO TESTAMENTO |
|--|---------------------------------|--------------------------------|
| NASCIMENTO | | |
| Nasceria em Belém | Miquéias 5:2 | Mateus 2:1 |
| Nasceria de uma Virgem | Isaías 7:14 | Mateus 1:18,25 |
| MINISTERIO | | |
| Seria rejeitado pelo Seu próprio povo | Isaías 53:3 | João 7:5,48 |
| Atributos ministeriais de Jesus | Isaías 61: 1-3 | Mateus 11:28, Lucas 4:17-21 |
| MORTE | | |
| Crucificação, Foi abandonado | Salmo 22:1 | Mateus 27:46 |
| | Salmo 22:7 | Marcos 15:29 |
| | Salmo 22:8 | Mateus 27:43 |
| Seu lado foi traspassado | Salmo 22:14 | João 19:34 |
| | Salmo 22:15 | João 19:28 |
| | Salmo 22:16 | Lucas 23:33; João 19:18 |
| Eles o olhavam | Salmo 22:17 | João 19:33; Lucas 23:35 |
| Suas vestes foram repartidas e sorteadas | Salmo 22:18 | João 19:23, 24 |
| | Salmo 22:22 | Hebreus 2:12 |
| Sofrimento e morte | | |
| | Isaías 53:3 | João 1:10, 11 |
| | Isaías 53:4 | Mateus 8:17 |
| | Isaías 53:7 | João 1:29, 36 |
| | Isaías 53:9 | |
| | Isaías 53:12 | Mateus 27:38; Lucas 23:43 |
| RESSURREIÇÃO | | |
| Ressurreição | Salmos 16:9-11 | Atos 2:25-32 |
| Ascensão de Cristo | Salmo 68:18 | Atos 1:9; Efésios 4:8 |
| Vendido por trinta moedas de prata | Zacarias 11:12 | Mateus 26:14-15 |
| Traído por um amigo | Salmos 55:13-15; Salmos 41:9 | Mateus 26:49-50 |
| O Dinheiro foi atirado para o oleiro | Zacarias 11:13 | Mateus 27:3-7 |
| Os discípulos O abandonaram | Zacarias 13:7 | Mateus 26:56; Marcos 14:27 |
| Acusado por falsas testemunhas | Salmo 35:11 | Mateus 26:59-61 |
| Bateu-se e cuspiu-se nEle | Isaías 50:6 | Mateus 26:67-68 |
| Mudo diante dos Seus acusadores | Isaías 53:7 | Mateus 27:12-14 |
| Ferido e pisado | Isaías 53:5 | Mateus 27:26-29 |

Fonte: Elaborado pela autora (2024).





REFERÊNCIAS

ANKERBERG, John; WELDON, John. **Os Fatos Sobre Jesus, O Messias: profecias incríveis que provam que Jesus é o Salvador**. Tradução Neyd Siqueira. Porto Alegre: Chamada, 1993.

BÍBLIA SAGRADA. **Minha Bíblia de Oração (NVI)**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BÍBLIA SAGRADA. **King James Atualizada**. São Paulo: Abba Press, 2012.

BRENNAN, Robert J; CORRÊ, David R. D. **Profecias Messiânicas**. São Paulo: Editora Batista Regular, 1989.

CUNHA, Marcelo. **O Visionário Homem Chamado Jesus**. Joinville. Clube dos autores, 2022.

DA MATTA, Arthur Roberto Henriques Nery. **Profecias Messiânicas Cumpridas por Jesus Cristo**. Rio de Janeiro: Nitpress, 1. ed, 2006.

DUQUOC, Christian. **Cristologia: ensaio dogmático: o Messias**, São Paulo: Loyola, 1980.

HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: Uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 12.ed, 2009.

HORTON, Stanley M. **Isaias - O profeta Messiânico**. Rio de Janeiro: CPAD, 1.ed, 2002.

JOSEFO. Flavio. **História dos Hebreus: Obra Completa De Abraão A Queda De Jerusalém**. São Paulo: CPAD, 2019.

KAISER JR. Walter C. **O Messias no Antigo Testamento**. Tradução de Regina Aranha – São Paulo: Shedd Publicações, 2021.

KIBUUKA, Brian. **A Torá Comentada: edição bilingue hebraico**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

LAHAYE, Tim; HINDSON, Ed. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 1.ed, 2008.

LARRAÑAGA, Ignacio. **Sufrimento e paz: para uma libertação pessoal**. Tradução de José Carlos Pedroso. Petrópolis: Vozes, 30 ed, 2013.

LIEBI, Roger. **O Salvador Prometido: o cumprimento e a autenticidade histórica das profecias messiânicas**. Tradução Arthur Reinke. Porto Alegre: Chamada, 2018.

PAIÃO JR, Osvaldo. **Quem é Jesus? Profecias, vida e obra do filho de Deus**. São Paulo: Abba Press Editora, 2016.

MATERA, Frank J. **Cristologia narrativa do Novo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.



SILVA, Severino Celestino; SILVA, Valmor. **O messias no judaísmo e no cristianismo**. Caminhos, v.15, n.2, p.249-267, jul./dez. 2017.

SOUSA, Rodrigo Franklin. **O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo**. Revista USP, São Paulo, n.82, p. 8-15, junho/agosto 2009.

VIEIRA, Fernando Mattioli (organizador). **Os Manuscritos do Mar Morto – 70 Anos da Descoberta**. São Paulo: Editora Humanitas, 2017.

WRIGHT, N.T. **Simplesmente Jesus**. Tradução de Elissamai Bauleo. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

Artigos em sites:

ARGUMENTO DAS PROFECIAS MESSIÂNICAS CUMPRIDAS EM JESUS. **Teonis Wiki**, c2022,

https://teonismo.fandom.com/wiki/Argumento_das_profecias_messiânicas_cumpridas_em_Jesus . Acesso em 29 de jul de 2022.

MAIS DE 300 PROFECIAS MESSIÂNICAS CUMPRIDAS EM JESUS CRISTO.

Defendendo a Fé Cristã, 13 de agosto de

2015, <https://defendendoafecrista.wordpress.com/2015/08/13/mais-de-300-profecias-messianicas-cumpridas-em-jesus-cristo> . Acesso em 29 de jul de 2022.

FEDEROLD, Reinhold. **Profecia Bíblica** - Prova da Existência de Deus. Chamada. c2008,

https://www.chamada.com.br/mensagens/prova_da_existencia_de_deus.html . Acesso em 29 de julho de 2022.

FELDEBERG, Eduardo. **Profecias Cumpridas em Cristo**.

<https://www.eduardofeldberg.com.br>. Setembro de 2006. Acesso em 12/10/2023.

GOMES, Rita Maria. Jesus, o Messias Inaudito - Hermenêutica do Messianismo.

<https://faculdadejesuita.edu.br/jesus-o-messias-inaudito-hermeneutica-do-messianismo> . Fevereiro de 2011. Acesso em 11/12/2023.

HENRIQUE, Basílio. As profecias de Isaías.

<https://pt.scribd.com/document/396172344/As-Profecias-de-Isaias>. Setembro de 2018. Acesso em 16/09/2023.

NASCIMENTO, Diego. **Isaías 53. Estudo: o sacrifício do Messias**.

<https://www.jesuseabiblia.com/biblia-de-estudo-online/isaias-53-estudo>. Setembro de 2022. Acesso em 02/10/2023.

KLEINE, Michael. **2 Samuel 7.1-11,16**. <https://www.luteranos.com.br/textos>. Dezembro de 2011. Acesso em 13/10/2023.

PETERLEVITZ, Luciano R. **O servo sofredor em Isaías 52.13-53.12**. 7 de agosto de 2018, <https://teologiabrasileira.com.br/o-servo-sofredor-em-isaias-52-13-53-12> . Acesso em 04 de outubro de 2023.

THOMAS, Derek. **A Importância de Gênesis 3:15**. 7 de julho de 2016,

<https://coalizaopeloevangelho.org/article/a-importancia-de-genesis-315/> . Acesso em 17 de



março de 2022.

KLEINE, Michael. **Proclamar Libertação**. 18 de dezembro de 2011, <https://www.luteranos.com.br/textos/2-samuel-7-1-11-16>. Acesso em 13 de setembro de 2023.

Revistas eletrônicas:

DIAS, Adiclecio Ferreira. **A Divindade de Jesus Cristo**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 01, Ed. 01, Vol. 9, pp 31-40 Dezembro de 2016 ISSN:2448-0959. Disponível em: <http://nucleodoreconhecimento.com.br> em 08/12/2023.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques; SANTOS, Samuel Nunes dos. **Profetas e Profecias: O Processo Oracular no Pentateuco**. Mimesis, Bauru, v. 37, n. 2, p. 151-179, 2016

LIMA, Cristiano Rodrigues de; LEITE, Francisco Benedito. **Experiências Messiânicas no Judaísmo Antigo: Messianismo Davídico e Restauracionismo**. Revista Magistro. Rio de Janeiro. Vol. 2, n. 24, p. 59-77, dezembro de 2021. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/7103>.

MARTINS, Lucas Alamino Iglesias. נָבִי (nābî'): **Etimologia e Contexto**. WebMosaica revista do instituto cultural judaico marc chagall v.9, 2017. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/download/79827/46854>.

RAUPP, Marcelo. Isaías 7:14 e Zacarias 12.10. **Uma análise das Traduções de suas passagens Messiânicas do Antigo Testamento à Luz das suas Coordenadas Espaço-Temporais**. Revista Scientia Traductionis. Florianópolis, Vol. 15, p. 246-261, 19/12/2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2014n15p246>.

RIBEIRO, Ari Luís do Vale. **Jesus e os Movimentos Messiânicos**. Revista de Cultura Teológica - v. 17 - n. 66 – Jan/março, 2009. Disponível em <http://revistas.pucsp.br>.

WARDISON Antonio; TEIXEIRA, César. **O Desejo de Deus pela Salvação do Homem. Perspectivas Histórico-Teológicas do Antigo Testamento**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. São Paulo: Vol. 5, n. 8, p.26-40, jul/dez, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleleo>.

Dicionários:

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BAUER, Johannes Baptist. **Dicionário bíblico-teológico**. São Paulo: Loyola, 2000.

ANEXO I

LISTAS DE IMAGENS

Imagem 1- Manuscritos do Mar Morto (1947)



Fonte: Internet - site Pixabay, 2024.

Imagem 2- Beduíno que encontrou os manuscritos do Mar Morto em 1947, Qumran



Fonte: Internet – site Bíblia Ensina, 2024.

Imagem 3 - Localização das 11 cavernas em Qumran onde foram encontrados os pergaminhos do Mar Morto



Fonte: Internet – site Bíblia Ensina, 2024.

Imagem 4 - O Grande Pergaminho de Isaías (1QIsaa), um dos sete originais do Mar Morto descobertos em Qumran em 1947.



Fonte: Internet – site Bíblia Ensina, 2024.